

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



Artur Azevedo  
*Herói à força*



Iba Mendes  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Artur Azevedo

## *Herói à força*

( Teatro )

---

Publicado originalmente em 1886.

**Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo  
(1855 – 1908)**

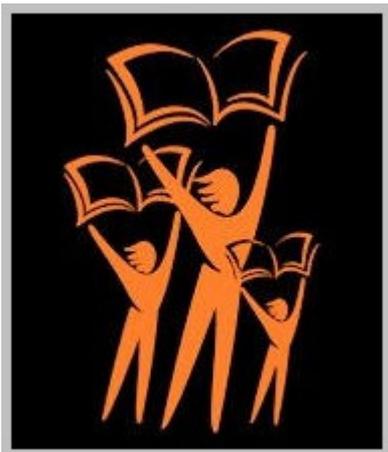
“Projeto Livro Livre”

**Livro 507**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)



## Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Artur Azevedo: “*Herói à força*”.

É isso!

*Iba Mendes*  
*iba@ibamendes.com*  
*www.poeteiro.com*

# HERÓI À FORÇA

## ÓPERA CÔMICA EM TRÊS ATOS

ADAPTADO À CENA BRASILEIRA - 1886

### PERSONAGENS

LUISINHA  
VALENTIM BRAGA (Latoeiro e gêmeo de...)  
JORGE BRAGA  
GREGÓRIO (Sargento)  
MATIAS DE ALBUQUERQUE (Governador de Pernambuco)  
PANTALEÃO DE ARAGÃO (Capitão de navio)  
VICENTE  
UM AJUDANTE DE ORDENS  
UM SOLDADO  
OUTROS  
UM REPOSTEIRO  
UM CAPELÃO  
UMA NOIVA

Latoeiros: mulheres, crianças, oficiais, soldados, banda marcial, convidados de ambos os sexos.

A ação passa-se em Pernambuco, no século XVII, durante a guerra dos holandeses; o primeiro ato no Recife, o segundo em Jaboatão, e o terceiro em Olinda, no palácio do Governador Matias de Albuquerque.

Ensaaiador, Senhor Jacinto Heller; regente de orquestra Senhor Henrique de Mesquita; cenógrafo, Senhor Carrancini.

AO PROVECTO ATOR ANTÔNIO JOSÉ AREIAS,

Aceitando a dedicatória desta peça, a que tu, o grande Vasques, e outros colegas teus, muito distintos, ides, sem dúvida alguma, dar um magistral desempenho -, dá-me licença para contar-te ligeiramente a história do *Herói à força*, e pô-la nestas páginas à laia de advertência.

Há seis anos chegou a esta Corte, vindo de Portugal, e foi fazer parte da Companhia Heller, que então funcionava na Fênix Dramática, um ator, teu compatriota, cujo nome não preciso aqui citar.

Poucos dias depois de entrar para a Fênix, esse ator veio ter comigo e disse-me:

- Tenho em meu poder uma comédia por mim representada centenas de vezes em Portugal, e sempre com muito agrado. Mas infelizmente é uma peça sem música; não pertence ao gênero adotado pelo Senhor Heller. Desejo que me transforme essa comédia numa opereta, fazendo-a pôr em música por um compositor de talento. Só assim poderá ser representada na Fênix.

No dia seguinte, entregou-me um manuscrito, cuja primeira página rezava assim: "*O Herói à força*, comédia de espetáculo em 3 atos, imitação por A. de Menezes."

Imediatamente procedi à leitura, e reconheci que outra coisa não podia ser essa comédia senão *Le Brasseur de Preston*, velha ópera-cômica francesa, que eu apenas conhecia de tradição. O imitador tirara-lhe todo o canto. É singular que, sem esse atrativo, embora bem representada, a peça lograsse tanto êxito em Portugal. Imagina um *libretto* de ópera-cômica... sem música!

Debalde procurei então por toda parte um exemplar de *Le Brasseur de Preston*. Afinal, resolvi extrair a opereta da própria comédia manuscrita. Feito esse trabalho, incumbi de pô-lo em música o Senhor Federico Guzmán, distinto pianista e compositor chileno que se achava então de passagem nesta Corte. Infelizmente o trabalho do *maestro* não agradou ao empresário, o que não quer dizer que me desagradasse a mim, e o Senhor Guzmán levou consigo a partitura, quando se retirou, em 1882; para a Europa, onde faleceu há pouco mais de um ano.

Entretanto, o ator a que acima me referi, retirando-se da Fênix, esquecido do que convencionara comigo, representou no Politeama Fluminense (e sem me dizer palavra) a comédia tal qual fora arranjada pelo Senhor A. de Menezes.

Pouco depois desse ato, que eu não qualificarei, o artista repatriou-se, e nunca mais ouvi falar dele.

Em 1883 o meu amigo Senhor Abdon Milanês, que hoje todo o público fluminense conhece e aprecia, pediu-me um *libretto* para pôr em música. Lembrei-me do *Herói à força*, e em boa hora, porque o jovem *maestro* saiu-se admiravelmente; refiz o meu trabalho, e desta vez em presença do próprio original, que finalmente obtive. Não fiz propriamente uma tradução, mas uma "adaptação à cena brasileira". Transporte para Pernambuco, um pouco a trouxe-mouxe, confesso, a ação da comédia, e dei-lhe por época o Século XVII, que se prestava perfeitamente à trama do *libretto*. Introduzi no terceiro ato um personagem histórico, ousadia que, espero, me será desculpada, porque, em casos análogos, outros o têm feito antes de mim, e com menos verossimilhança. Conservei o título de *Herói à força*; certamente os meus escrúpulos se oporiam a isso, se eu não tivesse notícia, pelo referido Guzmán,

de que havia com o mesmo título uma tradução espanhola da mesma peça. Além disso, *Herói à força* era um título que se impunha a este trabalho; a uma criança não ocorreria outro, e a mim me admira que os autores franceses não o houvessem aproveitado.

Tudo isto escrevo, meu Areias, para deixar aqui bem patente que este trabalho é uma adaptação de *Le Brasseur de Preston*, ópera-cômica em três atos, dos Senhores de Leuven e Brunswich, posta em música por Adolphe Adam, e representada pela primeira vez em Paris, no Teatro da Ópera-cômica, em 31 de outubro de 1838; nada aproveitei do *Herói à força* que há tempos foi exibido, uma ou duas vezes no Politeama Fluminense, por um simulacro de companhia dramática.

Um aperto de mão do amigo agradecido e admirador sincero,

*Artur Azevedo*  
*Rio de Janeiro, setembro de 1886*

## **ATO PRIMEIRO**

*Interior de uma oficina de latoeiro. Por toda parte artefatos de folha-de-flandres. Bancos. Porta à esquerda. Portão ao fundo, com sineta. Esse portão diz para um pátio.*

### **CENA I**

VICENTE, que entra da esquerda e vai tanger a sineta; os LATOEIROS, que entram do fundo, em confusão; depois VALENTIM.

#### **CORO DOS LATOEIROS**

Ao som da sineta  
Corramos depressa!  
São horas! Começa  
Nossa obrigação!  
De folha-de-flandres  
Mil coisas façamos,  
E aos anjos peçamos  
Que as venda o patrão.  
No fim das semanas  
As férias não falham,  
Pois aos que trabalham  
Protege o Senhor.  
Portanto, rapazes,

Vá lá! Mãos à obra!  
Vá lá! que nos sobra  
Vontade e vigor!

VICENTE - Vocês têm razão.

CORO - Bons dias!

VICENTE - Rapazes, razão lhes dou...

Deus fez o mundo em seis dias,  
No sétimo descansou;  
Portanto, a Deus imitemos:  
A semana trabalhemos  
E ao domingo descansemos!  
Descanse quem trabalhou.

CORO  
- Não apoiado!  
Qual descansar!  
Fez-se o domingo Para bailar,  
Folgar,  
Brincar!  
No fim das semanas, etc.

*(Dispõem-se todos para trabalhar; VALENTIM entra da esquerda.)*

VALENTIM  
-Alto lá! Alto lá!...  
Hoje aqui ninguém trabalha  
Em casa de Valentim!

CORO  
- Como assim?  
Diga lá!

VALENTIM *(Trazendo por um gesto todos ao proscênio.)*

*Coplas*

I  
Um grandioso, audaz projeto  
Eu concebi;  
Por isso vai hoje sueto  
Haver aqui.

Para vós todos prontamente  
Ver folgazões,  
Eu vou distribuir contente  
Uns patacões!

*(Distribuindo moedas de prata de um saco que traz na mão.)*

CORO  
Aqui está!  
Tomem lá  
Patacões!...

CORO  
- Venham lá,  
Venham já  
Patacões!...

II  
VALENTIM  
- Qual o projeto, só mais tarde  
Hão de saber;  
Aquele que em desejos arde  
De o conhecer  
Pode dar tratos ao bestunto.  
Não é capaz  
De adivinhar que grande assunto  
Aqui me traz!  
Aqui está, etc...

CORO  
- Venham lá, etc...

VICENTE  
- Patrão querido,  
Vossa Mercê  
Esse projeto  
Diga qual é.

CORO  
- Diga qual é!

VALENTIM  
- Vão vestir os seus fatos domingueiros,  
E voltem prazenteiros,  
Trazendo cada qual sua mulher.

VICENTE

- Manda o patrão! É obedecer!

CORO

- É obedecer! é obedecer!

No fim das semanas, etc...

*(Saem os latoeiros pelo fundo.)*

## CENA II

VALENTIM, VICENTE.

VICENTE - Mas diga-me cá, patrão. Qual é o motivo de tanta alegria? Dar-se-á caso que Vossa Mercê tenha recebido alguma herança?

VALENTIM - E que te importa? Come como um frade, bebe como um holandês, dança como um índio, ri como um doido, e não queiras saber mais nada.

VICENTE - Qual não queiras, nem qual carapuça! Não se me dava saber por que a gente vai ser obrigada a andar hoje de cara alegre!

VALENTIM - Vais saber... É que... Nada! és um tagarela, podes dar com a língua nos dentes. A seu tempo tudo saberás. Olha, vai à taverna do Leonardo, ali no Corpo Santo, e diz-lhe que mande a vinhaça a tempo. O jantar é às três em ponto.

VICENTE - E são muitos os convidados?

VALENTIM - Os rapazes, as mulheres... hão de ser para ai quarenta pessoas... Quarenta e uma! Sim, porque também há de vir meu irmão Jorge... Escrevi-lhe anteontem à tardinha. Há que tempos o não vejo! Que queres? Um oficial não pode deixar o seu posto, principalmente em tempo de guerra! Agora, que está tão perto daqui, talvez possa arranjar uma licença, e vir jantar com a gente. Malditos holandeses! Têm-nos dado água pela barba!

VICENTE - É certo que Vossa Mercê parece-se tanto com seu irmão, que até se confundem?

VALENTIM - Homem, eu mesmo não sei se sou eu que me pareço com ele, ou é ele que se parece comigo. O que te afianço é que somos o retrato um do outro, e isso não admira, porque somos gêmeos. *(Outro tom.)* Mas, vamos! Vai, faz o que te disse, e não dê à língua, se queres dar aos dentes!

VICENTE - Cá vou, patrão, cá vou. (*Saindo pelo fundo.*)

### **CENA III**

VALENTIM - Sempre quero ver a cara que farão quando souberem! Também não disse nada à Luisinha... Como ficou admirada, fitando-me com os seus formosos olhos negros e rasgados, quando lhe pedi que deixasse a costura, dizendo-lhe que hoje era dia de festa na oficina... que seria conveniente vestir o seu melhor vestido e adornar-se com os seus melhores enfeites... e, se alguma coisa faltasse, que a mandasse buscar ao melhor mascate de Olinda. Pobre pequena! Ficou tão atônita, que nem sequer se atreveu a perguntar-me... (*Luisinha entra da esquerda.*) Ela aí vem! Como é bonita! Benza-a Deus!

### **CENA IV**

VALENTIM, LUISINHA.

LUISINHA - Ah! estava aí, Senhor Valentim? Diga-me: estou a seu gosto?

VALENTIM - Estás, meu anjo! Aproxima-te; quero ver-te mais de perto. Como és linda!

LUISINHA - Ora...

VALENTIM - Mas quem te deu esta fatiota? Nunca te vi tão bem vestida!

LUISINHA - Faça-se de novas! Julga que não o vejo todos os domingos, quando Vossa Mercê vai pé ante pé deitar-me no cesto da costura um dobrão de ouro, e em seguida foge, como se praticasse um grave delito?

VALENTIM - Pois sim, pois sim, não falemos mais nisso...

LUISINHA - Pelo contrário, falemos. É preciso pôr cobro a semelhante procedimento. Estou envergonhada de tantos benefícios, visto nada ter feito por merecê-los. A Vossa Mercê devo eu este luxo... Sou aqui tratada como uma fidalga.

VALENTIM - Ora, qual! Isso não vale nada... Eu é que sou um ingrato... Se fosse a pagar, como devia, os benefícios que recebi do teu bom pai, que Deus haja!...

LUISINHA - Meu pai cumpria as suas obrigações. Era o mestre da oficina. Esforçava-se por bem servir ao seu amo.

VALENTIM - Teu pai era alguma coisa mais do que o mestre da funilaria: era um amigo, um verdadeiro amigo. Se aos trinta anos de idade estou senhor deste estabelecimento e quase rico, a quem devo? A ele, à sua atividade, à sua indústria e, sobretudo, aos seus conselhos. Pôs-se à testa da oficina, e por tal forma a acreditou, que hoje está no pé de prosperidade em que a vemos! E não havia eu de me interessar por ti, que ficaste órfã aos treze anos, desamparada neste mundo, sem outros bens que não fossem a tua virtude, a tua inocência e esse rosto de fada, capaz de causar inveja aos próprios anjos do céu?! Vamos lá! Disse e repito: Fui ingrato!

LUISINHA - Exagera...

VALENTIM - Não falemos mais nisto, senão entro a comover-me, e hoje não é dia para tristezas... Anda cá, Luisinha; não adivinhaste ainda a causa destes preparativos de festa?

LUISINHA - Não... ninguém faz anos hoje...

VALENTIM - Pois ouve lá. Sabes que pela Páscoa completei trinta anos? Começo a enfastiar-me de estar solteiro. Quando dão avemarias, e despeço os oficiais, fico em completa solidão. Entro a passear pelo meu quarto, da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, com as mãos nas algibeiras, perguntando a mim mesmo por que não me hei de eu rodear de meia dúzia de rapazes que corram, gritem, saltem, besuntando-me o fato, beliscando-me a barriga das pernas, divertindo-me, enfim!

LUISINHA - Pensou em casar?

VALENTIM - Rapazes... não é difícil arranjá-los... O *busilis* está em deitar a mão numa mulherzinha bonita, amável e ajuizada... (*Luisinha baixa os olhos.*) Mas como o casamento é uma espécie de jogo da cabra-cega, o melhor é a gente confiar-se à sorte; fechar os olhos e agarrar uma. Foi o que fiz, e quer me parecer que encontrei o que desejava.

LUISINHA (*Contente.*) - Encontrou?

VALENTIM - Encontrei. (*Pausa.*) Um pouco longe daqui...

LUISINHA (*Despeitada.*) - Ah!

VALENTIM - Uma guapa rapariga... boa... amável... discreta...

LUISINHA (*Esforçando-se por disfarçar a perturbação.*) - Será bom... Senhor Valentim... não se fiar muito nas aparências...

VALENTIM - Descansa. Trata-se da filha do Barbalho, o proprietário daquela quinta de Apipucos que fornece capim para o nosso macho.

LUISINHA - Não conheço.

VALENTIM - Olha, aqui tens tu a carta do Barbalho (*Tira um papel do bolso e finge que lê.*) "Meu amigo. Em resposta à sua carta de dezesseis, participo-lhe que amanhã..."(*Declamando.*) É hoje. (*Continuando.*)... que amanhã, dia de remessa de capim aos meus fregueses da cidade, remeto-lhe minha filha e três feixes do dito, da melhor qualidade. Espero que tudo chegue fresco e sem avaria. De seu amigo - Barbalho". (*Declamando e guardando a carta.*) Como vê. a minha noiva chega hoje mesmo. Quero recebê-la com todos os *ff e rr*. Farás favor, Luisinha, de cuidar em que nada falte. Eu vou sair; tenho ainda que dar algumas voltas. (*Pega no chapéu.*) Dize-me cá: não gostaste de saber que me caso?

LUISINHA (*Com um esforço supremo.*) - Eu... sim... gostei...

VALENTIM - Muito bem! Até logo, Luisinha, até logo... não me demoro. (*Sai pelo fundo.*)

## CENA V

LUISINHA.

LUISINHA (*Mal se vê só, rebentam-lhe as lágrimas e os soluços, e cai num banco, chorando abundantemente. Pausa.*) - E eu, que me levantei tão alegre esta manhã! Bem longe estava de pensar que... Quem tal diria? Pobre de mim!

### ROMANÇA

Chora a minha alma sentida,  
Padece o meu coração!  
Vejo pra sempre perdida  
A minha doce ilusão! (*Erguendo-se.*)  
Oh! que destino bárbaro!  
Que desgraçada sorte!  
A vida ser-me-á déspota,  
Benevolente a morte!  
Louca esperança, pérfida,  
Em fumo se desfez...  
Do pranto meu as pérolas  
Deslizem-me no rosto!  
Mas, ah! não sanam lágrimas  
O meu fatal desgosto:

Sossego só no túmulo  
Hei de encontrar talvez!  
Chora a minha alma sentida,  
Padece o meu coração!  
Vejo pra sempre perdida  
A minha doce ilusão!

## **CENA VI**

LUISINHA, VICENTE.

VICENTE (*Entrando do fundo.*) - Está tudo pronto, não falta nada! Ora muito bons dias tenha a menina Luisinha. Oh! mas, ou eu sou cego, ou a menina esteve a chorar!

LUISINHA - Eu? Engana-se!

VICENTE - Qual engana-se, nem qual carapuça! Diga-me: quem lhe fez mal? Diga-me quem foi, e verá como o arraso!

LUISINHA - Sossegue.. Tratemos antes de combinar o modo por que havemos de receber a noiva do Senhor Valentim.

VICENTE - A noiva do Senhor Valentim? Pois o patrão casa-se?

LUISINHA - É verdade, Vicente.

VICENTE - Pois o patrão casa-se, e não é com a menina?

LUISINHA - Comigo? Que está dizendo, Vicente? Pois eu sou lá digna de seu patrão? Eu?! Sem família...

VICENTE - Qual família, nem qual carapuça! O patrão faz um grande disparate! Eu digo-lho, digo-lho nas bochechas! Quantas vezes, cá na oficina, temos dito uns para os outros: o patrão faz muito mal em não se casar com a menina Luisinha!

LUISINHA - Que queres tu? Ele não me ama.

VICENTE - Qual não ama, nem qual carapuça! Ama sim, senhora! Tinha que ver se a não amasse! Todos aqui a amam. E, senão, olhe... aí vêm os rapazes... Pergunte-lhes.

## CENA VII

OS MESMOS, os LATOEIROS, de braço dado a suas MULHERES, algumas das quais trazem CRIANÇAS pela mão; depois VALENTIM. Estão todos em trajes de festa.

### CORO

Trazemos o riso nos lábios,  
Trazemos alegres semblantes;  
Roupas galantes  
De ver a Deus!  
Pois em domingo alegre o sábado  
Quer o patrão que se transforme!  
Isto é conforme  
Fazem judeus.  
A razão do júbilo  
Aqui ninguém vê! (*Com um movimento de dança.*)  
Dançamos, cantamos,  
Saltamos, bricamos.  
Sem saber por quê! (*Dançam.*)

### VICENTE

- Assim, rapazes, assim!  
Quer o Senhor Valentim  
Completa satisfação!

TODOS - Viva o patrão!

### VALENTIM (*Que tem entrado.*)

Saibam, amigos meus: todos estes mistérios  
São porque vou entrar  
No rol dos homens sérios!

TODOS - Vai casar! vai casar!...

### VICENTE

- Qual é a noiva?  
Não nos dirá?

### TODOS

- Qual é a noiva?  
Diga-nos já!

VALENTIM

- A bela esposa minha  
Outra não pode ser, senão...

TODOS (*Ansiosos.*) - Quem?!

VALENTIM - Luisinha!

TODOS - Luisinha!

LUISINHA

- Oh! que ventura suprema!  
E a outra, de quem falou?

VALENTIM

- Foi um belo estratagema,  
Que um belo efeito causou.

(*Sinais de alegria em todos.*)

*Concertante*

LUISINHA

- Oh! que ventura!  
Que felicidade!  
Sou, na verdade,  
Ditosa enfim!  
Vou, finalmente,  
Viver folgado,  
Passar ao lado  
De Valentim!

VALENTIM

- Oh! que ventura!  
Que felicidade!  
Sou, na verdade,  
Ditoso enfim!  
Vou felizmente  
Viver folgado,  
Passar ao lado  
De um serafim!

VICENTE E CORO

- Que felicidade!  
É, na verdade,

Ditosa enfim!  
Vai felizmente  
Viver folgado,  
Passar ao lado  
De um querubim

VALENTIM

- Enquanto esperamos o instante, que aspiro,  
De nos fazermos à matriz,  
Vão pela quinta dar um giro.

TODOS

- Muito bem diz!  
A razão do júbilo  
Aqui já se vê!

*(Vicente e os coros saem com um movimento de dança.)*

Dançamos, cantamos,  
Saltamos, brincamos,  
Sabendo por quê!

## **CENA VIII**

LUISINHA, VALENTIM.

LUISINHA - Fizeste-me sofrer horrores durante dez minutos!

VALENTIM - Foi uma experiência.

LUISINHA - Mau! E aquela carta?

VALENTIM - Aquela carta? *(Tirando-a.)* Vê!

LUISINHA - O rol da roupa. *(Deita-o fora.)*

VALENTIM - E o Barbalho nunca teve filhos.

LUISINHA - Que prazer egoísta o de amargurar os outros!

VALENTIM - Coitada! Ainda não tinha eu dado dez passos, e rebentavam-te as lágrimas. Ó abençoadas lágrimas!! *(Beija-lhe os olhos.)*

LUISINHA - Parece-me isto um sonho! Dize-me outra vez que vou ser tua esposa!

VALENTIM - Dentro de uma hora iremos à matriz. A papelada está pronta.

LUISINHA - Mas por que tanto mistério?

VALENTIM - O segredo é o tempero mais saboroso deste, acepipe que se chama amor. Amar-nos-emos sempre, não é assim?

LUISINHA - Sempre.

VALENTIM - A minha satisfação seria mais completa se pudesse ter a meu lado meu irmão Jorge...

LUISINHA - Tenho tanta vontade de o conhecer...

VALENTIM - Convidei-o, mas não sei se poderá deixar o exército. O pobre rapaz tem andado numa dobadura! Veio da Paraíba por terra, por uns caminhos impossíveis, e não teve tempo ainda de aparecer no Recife. E até certo ponto é bom que não apareça.

LUISINHA - Por quê!

VALENTIM - Por quê? Pois não tenho já contado quantas me sucederam em rapaz, pela maldita casualidade de nos parecermos tanto um com o outro? Eu era uma pombinha sem fel, e bastante medroso, moléstia de que ainda hoje padeço... Em vendo qualquer perigo, logo me dá vontade de fugir! Meu irmão era o contrário: bulhento, endiabrado, provocador! Toda a vizinhança tinha-me raiva. Cortava as orelhas ao cão de Fulano... pintava de verde o gato de Beltrano. Queixavam-se a minha mãe: Jorge dizia que tinha sido eu; os queixosos confirmavam, e o resultado era uma tunda!

LUISINHA - Pobre Valentim!

VALENTIM - Quando ficamos taludos, as diabruras eram de outra espécie. Quantas vezes Jorge se aproveitou da nossa semelhança para ir em meu lugar a certas entrevistas; quantas!

LUISINHA - Mas que tem isso para não queres que ele venha?

VALENTIM - Que tem isso? Nada! é uma brincadeira! Meu irmão ainda é o mesmo: valente, honrado, diga-se a verdade, mas também galanteador, sedutor e... E se quiser divertir-se à minha custa...

LUISINHA - Ora cala-te! não digas heresias!

VALENTIM - É que talvez não nos diferençasses!

LUISINHA - Acreditas que o meu coração possa enganar-se?

VALENTIM - Por que não? Fazes lá idéia como nos parecemos! A mesma estatura, a mesma cara, a mesma voz!

LUISINHA - Já começo também a ter cuidados!

VALENTIM - Se te estou a dizer que o caso é sério! Ainda se os holandeses o fizessem coxo ou maneta...

LUISINHA - Deus o livre, coitado!

VALENTIM - Tens razão, Deus o livre! Ah! espera! Se ele vier, podemos adotar este meio: Quando eu for eu... quero dizer: quando ele for ele... sim, quando eu não for ele... isto é... eu me explico. Quando for eu, Valentim, teu marido, que se aproxime de ti, direi qualquer coisa... *Ego sum qui sum*, por exemplo -, mesmo em latim, não faz mal... E dou-te um beijo. Deste modo, conheces-me logo e evitas algum troca.

LUISINHA - Está dito.

VALENTIM - Mas toma cuidado, que se eu me aproximar e não disser nada, é que não sou eu... e então, pelo amor de Deus!

LUISINHA - Cala-te, deixa-te de tolices!

*Dueto*

VALENTIM

- Vamos fazer um ensaio?

LUISINHA

- Um ensaio? Vamos lá!

VALENTIM

- Eu primeiramente saio...

LUISINHA

- Ficarei sozinha cá.

VALENTIM

- Ao voltar, tu me recebes  
Conforme o que eu cá fizer.

LUISINHA

- Eu já estou pronta.

VALENTIM

- Percebes?

LUISINHA

- Muito bem.

VALENTIM

- É o que se quer.

*(Saída falsa pelo fundo.)*

LUISINHA *(Só.)*

- Espera lá! Vou te fazer  
Enraivecer!

*(Valentim entra gravemente e faz uma mesura cerimoniosa a Luisinha, que se lhe lança nos braços, com ímpeto amoroso.)*

LUISINHA

- Valentim querido,  
Aos meus braços vem!  
Aos meus braços vem!  
És o meu marido,  
E eu te quero bem!

VALENTIM *(Desesperado.)*

- Então? Então?!  
Assim recebes meu irmão?  
Eu não te havia dito nada...

LUISINHA

- É que fiquei atrapalhada  
E não prestei muita atenção...

JUNTOS

- É perigoso  
- Pudera não!  
Ter/Ser um marido

Tão parecido  
Com - seu/meu - irmão!  
Com estes manos  
Toda atenção,  
Pois dos enganos  
Vive o escrivão!

VALENTIM

- Fazer vamos novo ensaio?

LUISINHA

- E há de ser melhor talvez.

VALENTIM

- Da oficina outra vez saio.

LUISINHA

- Fico só mais uma vez.

VALENTIM

- Vê lá se o caldo entornamos!

LUISINHA

- Hás de ver que não vou mal!

VALENTIM

- O ensaio que fazer vamos  
É um ensaio geral.

LUISINHA

- Eu já estou pronta.

VALENTIM

- Vejamos.

LUISINHA

- Atenção!

VALENTIM

- É o principal! (*Saída falsa pelos fundos.*)

LUISINHA (*Só.*)

- Espera lá! Vou te fazer  
Enraivecer!

*(Valentim volta muito alegre, chega-se a Luisinha, dá-lhe um beijo no pescoço e declama: Ego sum qui sum.)*

LUISINHA *(Fingindo-se zangada.)*

- Que petulante

Sujeito audaz!

Toma, tratante, Que te dou, zás!

*(Dá-lhe uma bofetada.)*

VALENTIM *(Desesperado.)*

- Então? Então?

Pois tu farás tal recepção

A teu marido, ó desastrada?

LUISINHA

- É que fiquei atrapalhada

E não prestei muita atenção.

JUNTOS - É perigoso, etc...

LUISINHA - Mas, querido meu, descansa...

*(Tomando-o pelo braço e como em segredo.)*

Apesar da semelhança,

Não haverá confusão!

Pois se os olhos meus se iludem,

Não se engana o coração...

JUNTOS - Apesar da semelhança, etc...

VALENTIM - Já são horas de irmos para a matriz! Vamos procurar os rapazes. Depois viremos jantar! E a noite o bailarico!

*(Nisto, Gregório precipita-se em cena, vindo do fundo. Dá com os olhos de Valentim, julga reconhecê-lo, e abraça-o com ímpeto.)*

## **CENA IX**

LUISINHA, VALENTIM, GREGÓRIO.

GREGÓRIO *(Abraçando a Valentim.)* - Ah! meu capitão, meu bravo capitão? Eu logo vi que o havia de encontrar!

VALENTIM *(À parte.)* - Ai, que é maluco!

GREGÓRIO (*Contemplando-o.*) - Ora, meu capitão! Mas que idéia foi esta de deixar o acampamento e vir para o Recife encafuar-se em casa de seu irmão?

VALENTIM - Ah! já percebo... É a semelhança de que falávamos ainda agora, Luisinha. O camarada toma-me por Jorge!

GREGÓRIO (*Atônito.*) - Pois eu não estou em presença do meu capitão?

LUISINHA - Está em presença do Senhor Valentim Braga. GREGÓRIO - O irmão?! Com todos os diabos! O patrão já me havia falado em Vossa Mercê, mas nunca supus que a semelhança fosse tão perfeita! Olhe que não lhe falta nada, com mil raios! Pois, senhor, eu sou o Sargento Gregório, vulgo *Vomita pragas*, e pertenço à companhia de seu irmão, que vinha procurar aqui.

VALENTIM - Quem? Meu irmão? Aqui? Não está nem nunca esteve! O sargento não sabe que meu irmão nunca veio ao Recife?

GREGÓRIO - Como? Pois não está cá?

VALENTIM - Não, senhor, mas não importa, sargento: saberá que me caso hoje...

LUISINHA - Que nos casamos hoje...

VALENTIM - E teremos ambos muito prazer em que um camarada de meu irmão nos acompanhe ao jantar e às bodas.

GREGÓRIO - Com mil buchas! estamos mesmo bons para gavotas e sarabandas!

LUISINHA - Que tem, sargento?

VALENTIM - Assusta-me! Que há de novo?

GREGÓRIO - Que há de novo? Uma desgraça!

VALENTIM - Não brinque!

GREGÓRIO - Se até amanhã ao meio-dia o Capitão Jorge Braga não se apresentar no acampamento...

VALENTIM e LUISINHA - Que lhe farão?

GREGÓRIO - Que lhe farão? Sentenciá-lo-ão à morte, e pum! com seiscentas bombas!

VALENTIM e LUISINHA (*Horrorizados.*) - Oh!

GREGÓRIO - Então julgam que isto de ser militar é comer filhoses? Diabo leve quem inventou os conselhos de guerra! Má raios o partam, fome o persiga, um estupor que lhe dê o inferno!...

VALENTIM e LUISINHA (*Benzendo-se.*) - Credo!

*Coplas*

I

GREGÓRIO

- O militar durante a guerra,  
Deve andar pronto como um fuso:  
Fútil delito ou leve abuso  
Deita a perder um militar!  
Pra que lhe dêem cabo da pele  
Não é mister uma batalha,  
Pois por dá cá aquela palha  
Podem mandá-lo fuzilar!  
Embora seja um valentão,  
Embora seja um fracalhão,  
Seis negras balas o farão  
Cair morto no chão!  
Pum!... pum!... pum!...  
Pum!

II

Se tem dois olhos, o soldado  
Ponha um no padre e outro na missa;  
Mesmo o valor, no ardor da liça,  
Deita a perder um militar!  
O militar, durante a guerra,  
Tanto perigo corre, em suma,  
Que sem [ter] feito coisa alguma,  
Podem mandá-lo fuzilar!  
Embora seja um valentão, etc...

Seu irmão ausentou-se com licença; mas há quatro dias que ela findou. O regimento está a poucas léguas daqui, em Jaboação, preparado para atacar um reduto holandês. De um momento para outro estaremos a contas com o inimigo, e o meu capitão estará à frente de sua companhia! Isto é o que me faz desesperar, com seiscentas mil baionetas!

VALENTIM - O inimigo! batalhas! baionetas! Ai, Virgem do Livramento, já não sei de que freguesia sou! Malditos holandeses, que vieram agitar esta terra,

dantes tão sossegada! Olhe, Sargento Vomita-pragas, matem-se, matem-se à vontade! Eu é que não me meto nesses assados!

GREGÓRIO - Mas com mil raios! (*Bate com a coronha da arma no chão.*)

VALENTIM (*Assustando-se.*) - Ai, credo! Julguei que fosse um tiro! Não brinque!

GREGÓRIO - Tem certeza de que seu irmão não apareceu por cá?

VALENTIM - Não, senhor; mas pode ser que se salve, porque os chefes...

GREGÓRIO - Os chefes estimam-no, não há dúvida! mas já têm sido por demais tolerantes. Não fosse ele o Capitão Jorge Braga, e a estas horas estaria sentenciado e morto!

VALENTIM (*Chorando.*) - Meu pobre irmão! Vão-no fuzilar!

GREGÓRIO - Isto é o menos!

VALENTIM - Hein?

GREGÓRIO - Uma dúzia de balas no coração! Que isso é? Um pau por um olho! Mas o pior é que será exautorado, desonrado!

VALENTIM - Desonrado!

GREGÓRIO - Desonrado sim, com mil demônios do inferno! Desonrado!

VALENTIM - Pai do céu, que poderemos fazer? Lembre-se de alguma coisa, sargento!

LUISINHA - Lembrem-se ambos. Talvez se possa arranjar tudo...

GREGÓRIO - Chorem na cama, que é lugar quente. Eu volto para o acampamento, e Vossas Mercês casem-se com todos os diabos!...

VALENTIM - Casarmo-nos! Numa situação como esta!

LUISINHA - Isso nunca!

VALENTIM - Ah! que dei no vinte! Eu soube, por portas travessas, de um namorico de Jorge com a filha de um senhor de engenho na Ipojuca.

GREGÓRIO - E que tem Judas com as almas dos pobres? VALENTIM - A apostar em como está lá com a pequena, sem se lembrar de que há holandeses em Pernambuco! Vamos lá! Daqui a Ipojuca são poucas léguas!

LUISINHA - Eu também vou, e o Senhor Sargento também.

VALENTIM - Tenho um pressentimento de que ali encontraremos aquele escalda-favais. Na carreta chegaremos lá num instante. (*Indo à porta.*) Ó Vicente, manda atrelar o macho à carreta! (*A Luisinha.*) Em breve estaremos de volta, e então celebraremos as bodas. Vamos, Vicente, despacha-te! Eu vou buscar o capote e algum dinheiro.

LUISINHA - Vou também preparar-me.

GREGÓRIO - Vamos! Aviem-se, com quatrocentas mil granadas! (*Valentim e Luisinha saem pela esquerda.*)

## **CENA X**

GREGÓRIO, latoeiros, mulheres, crianças, depois VALENTIM, LUISINHA, VICENTE.

*Final*

CORO

- Onde o noivo está metido?  
E a Luisinha onde é que está?  
Nosso bom patrão querido,  
Sendo em breve seu marido,  
Felicíssimo será!

GREGÓRIO- Calem a boca!

CORO- Por quê? Por quê?

GREGÓRIO

- Façam-me pouca  
Bulha!

CORO

- Por quê?  
Não dirá Vossa Mercê?

GREGÓRIO

- O prazer que os embriaga  
Triste caso perturbou:  
O Capitão Jorge Braga...

CORO

- O irmão  
Do patrão?

GREGÓRIO

- Do batalhão se ausentou!

CORO

- Que horror, ó Cristo!  
Jesus! que horror!  
Isto é deveras  
Constristador!

II

GREGÓRIO

- Feroz conselho de guerra  
Vai julgá-lo em Jabotão!  
Hão de deitá-lo por terra...

CORO

- Que nos diz?!  
Infeliz!...

GREGÓRIO

- Seis balas no coração!

CORO

- Que horror, ó Cristo! etc...

VALENTIM (*Entrando com Luisinha.*)

- Amigos, vou partir!

CORO - Partir!

VALENTIM (*A Vicente, que entra do fundo, onde aparece a carreta aparelhada.*)

- Entrego-te a oficina.  
- Brevemente,  
De volta estou.

GREGÓRIO - Partamos!

VALENTIM e LUISINHA - Vamos!

GREGÓRIO, VALENTIM e LUISINHA

- Partamos, partamos,

Sem mais demorar!  
Corramos, corramos!  
E a quem procurarmos  
Havemos de achar!  
Adeus! Adeus!

*(Entram os três na carreta. Vicente e os coristas acenam com os lenços, enquanto a carreta se põe em movimento e desaparece.)*

GREGÓRIO, VALENTIM e LUISINHA

- Adeus, amigos!  
Adeus! Adeus!  
E dos perigos  
Livrai-nos Deus!  
Adeus! Adeus!

CORO

- Adeus, amigos!  
Adeus! Adeus!  
E dos perigos  
Que os livre Deus!  
Adeus! Adeus!

## **ATO SEGUNDO**

*Acampamento em Jaboaão, Barracas. Armas ensarilhadas. Os soldados, dispostos em grupo, aqui e ali, bebem e jogam.*

### **CENA I**

SOLDADOS, depois GREGÓRIO.

CORO

- Enquanto o rebate  
Não chama ao combate,  
Não é disparate  
Beber e jogar!  
Mulheres, filhinhos,  
Perdidos carinhos,  
Os jogos e os vinhos  
Não fazem lembrar!

UM SOLDADO - O pior é que não há nem novas nem mandados

Do nosso Capitão!

OUTRO - O sargento aí vem... Toda atenção, soldados!

CORO - Soldados, atenção!

TODOS (*A Gregório, que entra muito triste, de braços cruzados.*)

- Então? Então?

Consigo traz o Capitão?

GREGÓRIO

- Não!...

Com quatrocentos mil cartuchos!

Não vem comigo

O Capitão!...

CORO

- Oh! que aflição!

Não traz consigo o Capitão!

GREGÓRIO

- Andei, corri por ceca e meca,

Por olivais de Santarém...

Desde o Recife a Muribeca

Não vi ninguém!

CORO

- Não vi ninguém!

GREGÓRIO

- O Conselho de guerra

Lá se vai reunir!

Está tudo por terra...

Só lhe resta fugir...

CORO

- Vamos ver,

A tremer!

O conselho de guerra, etc.

*(Saída geral.)*

**CENA II**

GREGÓRIO - Onde estará metido aquele diabo, com seiscentas bombas! Tínhamos certeza de encontrá-lo na Ipojuca, mas qual histórias, nem sombras! Em que dará tudo isto?

A Voz DE VALENTIM - Devagarinho... Cautela, Luisinha... Desce... apóia-te ao meu braço... assim...

GREGÓRIO - Aí temos o funileiro e a noiva. É preciso afastá-los daqui. Ao ouvir ler a sentença, cada um deles é capaz de ter o seu faniquito, e eu não tenho jeito para tratar de mulheres nem de medrosos!

### CENA III

GREGÓRIO, VALENTIM, LUISINHA.

VALENTIM (*Dando o braço a Luisinha.*) - E eu digo-te que deve estar aqui (*Vendo Gregório.*) Olha, ali o tens. Bons dias, sargento; demoram-nos um pouco, mas não se queixe de mim: queixe-se do jumento, com sua licença.

GREGÓRIO (*À parte.*) - Ora são bem cá precisos!

VALENTIM - Julguei que chegasse tarde; por isso vim por esses caminhos vendendo azeite às canadas. Não sei o que tinha o maldito jumento! Por mais que eu lhe batesse e lhe dissesse: - Corre, meu velho, corre, que querem dar cabo de meu irmão! Corre, que tu também és quase da família! - nada! Cada vez andava mais devagar!

LUISINHA - Mas, afinal, cá estamos. Diga-nos, sargento: podemos falar ao general?

VALENTIM - Imediatamente?

GREGÓRIO - Não é possível. Agora ninguém lhe pode falar. Está reunido o conselho de guerra e formada a tropa.

VALENTIM - Por isso não encontramos um único soldado a quem perguntássemos por Vossa Mercê... Vinha eu dizendo à Luisinha: - Vamo-nos perder por aí.. e, afinal de contas, andar assim ao deus-dará... no meio do acampamento... Vem uma bala sem subscrito, e manda uma pessoa desta para melhor vida enquanto o diabo esfrega um olho! - Aqui sempre estamos melhor, pois não estamos? Esperamos aqui que termine o tal conselho, e depois iremos todos falar ao general. Que lhe parece, sargento?

GREGÓRIO - Com cinquenta milhões de Satanases! pois são Vossas Mercês tão pouco espertos, que me não conheçam, na cara, não haver esperança possível?

LUISINHA e VALENTIM - Hein?

GREGÓRIO - Ao general ninguém fala. Já eu lhe quis falar e não consegui.

VALENTIM - Valha-nos Deus! e eu, que contava alcançar alguns dias de espera!

GREGÓRIO - Julga que o general é de folha-de-flandres? Aquilo é duro como uma rocha!

LUISINHA - Nesse caso a nossa viagem é completamente baldada?

GREGÓRIO - Completamente!

VALENTIM - (*Animando-se.*) - É o que havemos de ver! É o que havemos de ver! Ah! ah!... Hei de mostrar para quanto sirvo! É que me não conhecem! É que não sabem quem aqui está!

GREGÓRIO (*Admirado.*) - Que é isto?

LUISINRA - Nunca o vi assim!

*Coplas*

I

VALENTIM

- Hei de o conselho

de guerra ver;

Nele o bedelho

Quero meter!

Se não consigo

Lá penetrar,

Não mais comigo

Podem contar!

Das sentinelas

Dou cabo até!

Nenhuma delas

Fica de pé!

Que, em tais alturas,

Eu sou capaz

De cem loucuras

Fazer: zás! trás!

Que espalhafato!

Que irmão audaz!  
Degolo e mato  
Vão ver! zás! trás!

GREGÓRIO e LUISINHA

- Diz o gabola  
Que tudo faz!  
Mata, degola!  
Zás! trás! Zás! trás!

II

VALENTIM

- Não desespere  
Mil vezes não!  
Salvá-lo quero,  
Que é meu irmão!  
Pra quanto presto  
Vão todos ver!  
Cum simples gesto  
Faço tremer!  
Foram-se as nicas!  
Do sangue a voz  
Faz dum maricas  
Tigre feroz!  
Que espalhafato!  
Que irmão audaz!  
Degolo a mato!  
Vão ver! Zás trás!  
Diz o gabola

GREGÓRIO E LUISINHA

- Que tudo faz!  
Mata, degola!  
Zás! trás! Zás! trás!

LUISINHA - Ah, Valentim! quero dar-lhe um abraço! Quanto gosto de o ouvir falar assim!

VALENTIM - Deixem acabar o tal conselho, e verão!

LUISINHA - Diz o sargento que não é possível!

GREGÓRIO - Não se perde nada com experimentar. Talvez que se possa fazer alguma coisa, com mil canhões!

VALENTIM - Ó sargento, diga-me cá: a Luisinha pode descansar numa destas barracas? Coitadinha! Deve estar moída!

GREGÓRIO - Ali tem... naquela barraca é que se alojava seu irmão... (*Chorando.*) Então? não estou eu a chorar, com cem... Então?

VALENTIM (*Chorando.*) - Era ali?... (*Abrindo a porta da barraca.*) Sim... cá está a mala... o leito... o uniforme e a espada! Só falta ali o meu pobre Jorge!

LUISINHA (*Que também chorou.*) - Vamos, não há que desanimar! Pode ser que esteja de volta antes do meio-dia!

VALENTIM (*Limpando as lágrimas.*) Nossa Senhora do Livramento te ouça! Senhor Sargento, espere um pouco, que eu já volto para darmos princípio à nossa obra!

GREGÓRIO - Vá, que o avisarei quando for ocasião.

VALENTIM - Vamos, Luisinha! (*Entra com Luisinha na barraca.*)

#### **CENA IV**

GREGÓRIO, só; depois, PANTALEÃO DE ARAGÃO.

GREGÓRIO - Pobre gente! Tem esperanças, e eu nenhuma! Vamos, Gregário, meia volta à direita! Ordinário! Marche! (*Vai a sair; encontra-se com Pantaleão.*)

PANTALEÃO - Alto a banca! Faz favor de me dar dois minutos de atenção!

GREGÓRIO - Não posso! (*Vai saindo.*)

PANTALEÃO (*Deitando-lhe a mão.*) Ouça-me, que é negócio importante!

GREGÓRIO - Não bata no púlpito, com seiscentas bombas! Vou em serviço... tenho pressa... Passe bem!

PANTALEÃO - Não o demoro, camarada.

GREGÓRIO - Sargento.

PANTALEÃO - São só duas palavras.

GREGÓRIO - Diga lá.

PANTALEÃO - Conhece este retrato? (*Dá-lhe uma miniatura.*)

GREGÓRIO - O meu Capitão!

PANTALEÃO - Hein? Pois é este o seu Capitão?

GREGÓRIO - Jorge Braga!

PANTALEÃO - Jorge Braga, é ele mesmo! (*À parte.*) Desta vez não me escapará!

GREGÓRIO - Com a breca! Traz notícias dele? Onde se meteu? Onde o puseram? Onde pára? Corre perigo?... Responda, com trinta milhões de baionetas!

PANTALEÃO - Abaixei a voz, Senhor Sargento! Olhe, que eu cá também sei largar cutelos e varredoras, e praguejar quando é preciso, com todos os demônios do inferno!

GREGÓRIO - E eu não tenho medo de caretas, com todos e mais alguns!

PANTALEÃO - Calma... Calma... O tal Capitão não está no acampamento?

GREGÓRIO - Se aqui estivesse, eu não lhe perguntava por ele!

PANTALEÃO - Ah! não está!

GREGÓRIO e PANTALEÃO (*Juntos*). - Não está com todos os diabos, com cem mil bombas, e seiscentos raios!

PANTALEÃO - Mas ele não pertence a esta divisão, companhia ou que demônio que seja? Como é que não está cá?

GREGÓRIO - Desapareceu, já lhe disse! Ninguém sabe por onde anda! E se dentro de uma hora não se apresentar, reúnem o conselho, julgam-no, sentenciam-no, matam-no, fuzilam-no, com mil raios!

PANTALEÃO - Fuzilam-no! (*À parte.*) Não era essa a morte que eu lhe desejava! (*Alto.*) Então não está no acampamento, hein? Isto só no inferno!...

GREGÓRIO - Nem no inferno!

PANTALEÃO - Se eu tivesse a certeza de o encontrar lá!...

GREGÓRIO - Lá onde?

PANTALEÃO - No inferno, com mil diabos! Lá mesmo seria capaz de ir procurá-lo!

JUNTOS

PANTALEÃO - Com todos os diabos! com cem mil raios! com seiscentas borrascas (*Sai.*)

GREGÓRIO - Pois vá, com seiscentas bombas, com cem mil raios, e todos os diabos!]

*(Pantaleão vai saindo a proporção que pragueja.)*

GREGÓRIO (*Só, muito calmo.*) - Está penalizado, como todos nós.

## CENA V

GREGÓRIO, o AJUDANTE-DE-ORDENS, OFICIAIS, SOLDADOS, depois VALENTIM, depois LUISINHA.

GREGÓRIO (*Durante a entrada dos militares.*) - Aí vem o ajudante de ordens. Que terá sucedido?

O AJUDANTE (*A Gregório.*) - Não lhe vejo remédio. É verdade que o general mandou esperar até o meio-dia. Mas se até lá não se apresentar o Capitão, será dada a sentença.

VALENTIM (*Entrando.*) - Parece que já terminou o conselho. Vejamos se encontro o sargento para irmos ao general. (*Dirige-se a Gregório. o ajudante repara nele.*)

*Concertante*

AJUDANTE - Que vejo? É ele!... O Capitão!...

CORO - O Capitão!

AJUDANTE - O Capitão!

CORO - É o Capitão!

AJUDANTE

- Oh, que perigo  
Correu, amigo!

Oh, que imprudência, Capitão!  
Se se demora  
Mais uma hora,  
Não tinha mais apelação!

CORO

- Se se demora  
Mais uma hora,  
Não tinha mais apelação!

AJUDANTE

- Mas... a que vem este disfarce?  
Este disfarce?... (*À parte.*)  
Já entendo...  
Já compreendo:  
É a maldita aparência!

GREGÓRIO (*Baixo, a Valentim.*)

- Há de calar-se,  
Se em salvar seu mano.....

LUISINHA (*Que tem entrado e ouvido tudo.*)

- Ai, meu Deus, ai, como tremo!  
Eis-me quase a desmaiar!  
Enviuvo, ó Deus supremo,  
Antes mesmo de casar!

VALENTIM

- Ai, meu Deus, ai, como tremo!  
Meu irmão vim cá salvar,  
Mas não vão, ó Deus supremo,  
Fuzilar-me em seu lugar!

GREGÓRIO

- Ele treme, eu também tremo,  
Pois o caso é singular...  
É decerto um meio extremo  
- Pelo irmão aqui passar!

OS OUTROS

- Entre nós de novo o vemos!  
Pôde em tempo ainda voltar!  
A amizade que lhe temos  
Nos fazia reçar.

AJUDANTE (*A Valentim.*)

- Comunicar sua presença  
Vou neste instante ao general;  
Mas - antes disso - com licença;  
Venha um abraço fraternal.  
(*Abraçam-se.*)

CORO

- Oh! que perigo  
Correu amigo!  
Oh, que imprudência, Capitão!  
Se se demora  
Mais uma hora,  
Não tinha mais apelação!

TODOS - Viva o Capitão Jorge Braga! Viva!

GREGÓRIO (*Baixo.*) - Agradeça.

VALENTIM (*Cumprimentando com acanhamento.*) - Senhores, muito obrigado...  
muitíssimo obrigado... O meu coração... o meu reconhecimento...

GREGÓRIO (*Baixo.*) - Bom, é melhor estar calado.

AJUDANTE - Outro abraço, Capitão... e até logo! (*Sai com os oficiais.*)

GREGÓRIO - Agora, Capitão, vá mudar de fato! Vá vestir seu uniforme.

VALENTIM - O uniforme?!... Ah, sim! Diz muito bem... Vou pôr o uniforme... (*À parte.*) Que bonita figura hei de eu fazer com o tal uniforme!

GREGÓRIO - Vamos! não se demore! Lembre-se de seu irmão!

VALENTIM - Senhores, vou vestir o meu uniforme. (*A Gregório.*) Veja lá em que  
assados me mete Vossa Mercê!

GREGÓRIO (*Aos soldados.*) - Agora, rapazes, vão anunciar à companhia a volta  
do Capitão!

TODOS os SOLDADOS - Viva o Capitão! Viva! (*Saem, repetindo um motivo do  
último coro.*)

## CENA VI

GREGÓRIO, LUISINHA.

LUISINHA - O Senhor Sargento não se zangue com o que eu vou lhe dizer; mas parece-me que esta troca...

GREGÓRIO - Xiu! Silêncio!... as paredes têm ouvidos! Deste modo ganhamos tempo, que é o principal. Quando o capitão chegar, o Senhor Valentim despe-se... O Capitão enverga a farda, e ei-los depois cada um no seu natural. O Capitão aqui, e o Senhor Valentim lá na funilaria.

LUISINHA - Mas Vossa Mercê não imagina! O Valentim é um maricas! Que irá ele fazer com uma farda às costas? Nunca me hei de esquecer de uma noite em que quase morreu de susto por causa de um gato que andava pelo mirante!

GREGÓRIO - Eu o farei espertar! Aqui, o mais urgente é evitar a sentença; depois...

LUISINHA - Depois... Veremos! Mas duvido que o resultado seja bom.

## CENA VII

OS MESMOS, VALENTIM.

VALENTIM (*Com o uniforme ridiculamente vestido.*) - Que tal estou? Olhem pra isto!

GREGÓRIO - Oh, com os diabos! Como arranjou isso?

LUISINHA - Que lhe dizia eu? Olhe para aquela figura!

VALENTIM - Então eu não me pareço agora com meu irmão?

GREGÓRIO - Na cara parece-se: no feitio é que há grande diferença! Vamos, arreganho! É um recruta sem tirar nem pôr! (*Arranjando-lhe a farda.*) A farda veste-se assim!

VALENTIM - Olhe, que me afoga!

GREGÓRIO - Essa espada não se traz aqui na frente. Isto põe-se atrás! Assim! (*Faz o que diz.*)

VALENTIM - Nada, essa agora é nova! A espada estava perfeitamente onde estava! Assim mete-se-me por entre as pernas! (*Tropeçando na espada.*) Vê?

Depois, quando quiser tirar a espada, tenho de voltar as costas... a mim mesmo?! Não posso perceber!

GREGÓRIO - E o chapéu? Parece que nunca pôs um chapéu?!

VALENTIM - Destes é a primeira vez, sargento.

GREGÓRIO - Assim! (*Põe-lhe o chapéu.*) Agora já parece outro!

VALENTIM - Olhe que não vejo senão de um olho!

GREGÓRIO - Não faz mal! Vamos! Esse corpo perfilado! Gesto arrogante! Passo firme!

VALENTIM - Assim?

GREGÓRIO - Não, homem de Deus! parece-me um velho!

*Terceto*

VALENTIM

- Faça favor de dar-me uma lição:  
Quero aprender!

GREGÓRIO (*Indo ao fundo.*) - Vai ver! (*Descendo a marchar com todo o garbo.*)  
Rataplã! rataplã! rataplã!  
Plá! plá! plá!  
Rataplã! plá! plá!

VALENTIM

- Agora eu! (*A Luisinha.*)  
Vê lá como me saio  
Deste ensaio!

(*Faz o mesmo que Gregório, mas desaleitadamente.*) Rataplã! rataplã! rataplã!  
etc...

LUISINHA

- Não! não! Faça como eu faço!  
Comigo aprenda! Acerte o passo!

(*Marcha ainda com mais galhardia que Gregório.*)

Rataplã! rataplã! rataplã!

GREGÓRIO - Muito bem!

VALENTIM (*A Luisinha.*)

- Quem te ensinou?

LUISINHA

- Ninguém!

Muito fácil é!

Intuitivo até!

É ver, é ver,

E aprender!

GREGÓRIO - Agora os três!

*(Vão todos ao fundo, e fazem diversas manobras, marchando de um lado para outro lado.)*

OS TRÊS - Rataplã! rataplã! rataplã! etc...

GREGÓRIO - Devo advertir-lhe que é preciso praguejar, - rogar pragas, falar no diabo! Seu irmão está sempre a fazer tremer o mundo!

LUISINHA - Aprendeu com o sargento.

VALENTIM - Mas eu, palavra de honra! eu sou uma pomba sem fel... Nunca me zango!... Eu posso lá praguejar!

GREGÓRIO - Há de praguejar por força! Assim! (*Furibundo.*) Má raios te partam, diabo! Maldito sejas! Vá para os infernos, com trezentas granadas!

*(Valentim repete todas essas pragas num tom suave.)*

LUISINHA - Isso não é assim! Parece uma menina! Com mais alma! Assim: Má raios te partam! Maldito sejas! Vai

para os infernos, com trezentas granadas!...

GREGÓRIO - Belo! Belo! Muito bem!...

VALENTIM - Que talento de mulher!

GREGÓRIO - É uma jóia! Era capaz de comandar a companhia melhor que Vossa Mercê!

VALENTIM - Melhor do que eu, qualquer. Enfim, veremos como me saio desta... O que me ensinaram até agora, passe... mas fiquem na certeza de que lá coisa

de pólvora... é que não vai nada! (*Entra o ajudante de ordens.*) Bom, ei-los comigo!

## CENA VIII

OS MESMOS, o AJUDANTE-DE-ORDENS.

O AJUDANTE - Capitão Jorge Braga, acaba de ser dissolvido o conselho de guerra que O havia de julgar.

VALENTIM (*Baixo a Luisinha.*) - Que fortuna! Salvei meu irmão!

AJUDANTE - E venho dizer-lhe...

VALENTIM - Ai, Jesus! o quê?

GREGÓRIO (*À parte.*) - Tremo!

AJUDANTE - O general resolveu castigá-lo pela sua prolongada ausência. Ordena que se recolha à sua barraca!

GREGÓRIO (*À parte.*) - Oh, que afronta para o meu pobre capitão!

VALENTIM (*À parte.*) - Se é só isso... (*Alto.*) Pois diga ao general que estimo muito!

GREGÓRIO (*Baixo.*) - Ó diabo, é o contrário! Mostre-se sentido!

VALENTIM (*Emendando.*) - Sim, que estimo muito vê-lo bom... Mas que esta afronta é muito... é... Má raios te partam, diabo! Maldito sejas! Vai para os infernos, com trezentas granadas!

AJUDANTE - Compreendo que isto o aflija! A um valente e brioso militar muito custa a detenção em dia de batalha!

VALENTIM - Ah! vai haver hoje batalha? (*Contentíssimo.*) Pois então...

GREGÓRIO (*Baixo.*) Mostre-se sentido, com todos os demônios!

VALENTIM (*Noutro tom.*) - Com que então, vai havei hoje batalha? Com trezentos milheiros de diabos! E não irei à frente de minha companhia! E não sentirei o zunir da pólvora, nem ouvirei o cheiro das balas! Não me acharei entre metralhas e granadas!... rodeado de mortos... Ah! sangue! sangue!... E eu, que gosto tanto de ver sangue!

AJUDANTE - Capitão, entregue-me a espada!

VALENTIM - Pois quer só a espada? E então a bainha?

GREGÓRIO (*Baixo.*) - Cala-te, animal! (*À parte.*) Desonrado! Desonrado o meu capitão!...

VALENTIM - Diga ao general que muito me custa separar-me dela! Enquanto à palavra de não ir à batalha, dou-lha com muito pra... (*Gregório puxa-lhe a farda.*)... com muito pesar. Mas fique certo de que a cumprirei religiosamente.

AJUDANTE - Bem, Capitão! Talvez que o general, em vista do seu arrependimento, lhe mande dar a liberdade!

VALENTIM - Não, meu amigo, isso é que não! O castigo é grande certamente, mas eu o mereço, oh! se mereço! É duro, bem sei, mas - vamos lá! - é preciso um grande exemplo!

AJUDANTE - As suas ordens. (*Sai.*)

## **CENA IX**

VALENTIM, GREGÓRIO, LUISINHA.

VALENTIM - Louvada seja Nossa Senhora do Livramento! Meu irmão está salvo!

LUISINHA - Preso num dia de batalha! Vai tudo às mil maravilhas!...

GREGÓRIO - Maravilhas! Chamam-lhe maravilhas!... Não sabem que; um militar prefere morrer a ficar de braços cruzados num dia de combate! -

VALENTIM - Mas eu cá não sou militar...

GREGÓRIO - Vossa Mercê agora não é Vossa Mercê; é seu irmão! Vou arranjar este negócio!

VALENTIM - Que negócio! Olá sargento! não se meta onde não é chamado!

GREGÓRIO - Volto já. Tudo há de se arranjar. (*Sai.*)

VALENTIM - Que diabo será?... Entra ali, Luisinha... vou ver o que faz aquele espirra-canivetes.

LUISINHA - Veja lá, Valentim, não vá fazer asneiras! (*Entra na barraca.*)

VALENTIM - Descansa. (*Dirige-se para o fundo; encontra-se com Pantaleão de Aragão.*)

## CENA X

VALENTIM, PANTALEÃO.

PANTALEÃO (*À parte.*) - É ele! (*Alto.*) Alto a banca, Capitão: eu sou Pantaleão Beltrão de Aragão!

VALENTIM - Estimo muito. (*À parte.*) Ao, ão, ão! É um cão que ladra!

PANTALEÃO - Sou capitão da escuna *Conceição*; cheguei do reino há cinco dias!

VALENTIM - Estimo ainda mais.

PANTALEÃO - Sou irmão de Dona Guiomar Beltrão de Aragão, e filho do finado Capitão-mor Elesbão Romão de Aragão, senhor de engenho que foi na Ipojuca.

VALENTIM - Que o seja Vossa Mercê por muitos anos e bons. (*À parte.*) É uma família onomatopaica.

PANTALEÃO - Portanto, já deve saber o que pretendo.

VALENTIM - Por ora, não, senhor.

PANTALEÃO - Como?! Com seiscentos jacarés! Pois nega ter, durante a minha ausência, seduzido minha irmã, Dona Guiomar Beltrão de Aragão?!

VALENTIM - Eu?! - Ó homem, isso não são brincadeiras!

PANTALEÃO (*Mostrando-lhe um maço de cartas.*) - Conquanto não estejam assinadas, negará que estas cartas sejam suas?

VALENTIM (*À parte.*) - A letra do meu irmão!...

PANTALEÃO - Vejo que ficou desmaestreado! Estas cartas não me permitem, com trezentos tubarões! duvidar da desonra de minha irmã, Dona Guiomar Beltrão...

VALENTIM - De Aragão, já sei... é que... (*À parte.*) O maroto de meu irmão meteu-me em bons lençóis...

PANTALEÃO - Capitão, uma reparação, ou morre pela minha mão, como um cão!

VALENTIM (*Afetando sangue frio.*) - Entendamo-nos, Senhor Aragão... que diabo! Vamos ver se nós entendemos!...

PANTALEÃO - Uma reparação, com mil burrajonas!

VALENTIM - Faça favor de atender-me, e não me fale em armas de fogo. (*À parte, sentando-se.*) Ganhemos tempo, até que apareça meu irmão, para se entender com ele... (*Alto.*) Enquanto ao dar a minha mão de esposo a sua mana, não digo que não... porque enfim... ela é moça... bonita... (*À parte.*) Será?... (*Alto.*) Bem-educada... modesta... Em posição, podemos perfeitamente medir-nos: Vossa Mercê é capitão de navio; eu sou capitão do exército: não há diferença nenhuma. O senhor seu pai também era capitão, com a diferença de que era capitão-mor... Os nossos gênios é que não se combinam... Enfim, para a semana que vem, falaremos... Sou um seu criado! (*Quer retirar-se.*)

PANTALEÃO (*Furioso.*) - Com mil raios! Pensa que sou homem que se contenta com uma simples palavra, quando se trata da honra de sua família? Aqui tem este documento, que o senhor há de assinar! E, se o não fizer, deito fogo ao paiol da pólvora!

VALENTIM (*Depois de ler.*) - O quê? Uma promessa formal de casamento?

PANTALEÃO - Justamente. Tomamos, em conselho de família, a resolução de apresentar-lhe este documento! E eu, como mais velho, é que lhe venho dar abordagem.

VALENTIM (*À parte.*) - Escapo do conselho de guerra, para cair no conselho de família...

PANTALEÃO - Assina ou não?

VALENTIM - Isto... sim, isto da gente casar é negócio muito sério... É preciso meditar...

PANTALEÃO (*Tirando duas pistolas.*) - Aqui estão duas pistolas! Proponho-lhe um duelo! Saíamos!...

VALENTIM (*A tremer.*) - Um duelo... (*À parte.*) Ui! e eu que não me lembrava que estava detido... (*Alto.*) Pois bem! Saíamos!

PANTALEÃO - Ora graças a Deus!...

VALENTIM - E desde já o previno que há de ser um duelo a valer!

PANTALEÃO - Como?!

VALENTIM - Não dou quartel!

PANTALEÃO - Nem eu, com mil tempestades!

VALENTIM - Um de nós há de ficar morto!

PANTALEÃO - Certamente.

VALENTIM - E o outro vivo. - Marchemos! (*Parando de repente.*) Má raios te partam, diabo! Maldito sejas! Vai para os infernos, com trezentas granadas!

PANTALEÃO - Que é lá isso?

VALENTIM - Não posso sair!

PANTALEÃO - Por quê?

VALENTIM - Estou detido aqui! Bem vê... não tenho espada... Desgraçado de mim! Não tenho espada!

CENA XI

OS MESMOS, GREGÓRIO.

GREGÓRIO (*Entrando a correr, com a espada de Valentim na mão.*) - Vitória! Vitória, meu capitão!... O general já lhe concedeu perdão, e manda restituí-lo à liberdade. Aqui tem a espada!

VALENTIM (*À parte.*) - O que tu queres é matar-me, assassino!

PANTALEÃO - Já não há obstáculos que nos interponha.

VALENTIM - Engana-se redondamente. Eu sou um oficial experimentado, sei a minha obrigação, e aqui não sairei sem uma licença assinada pelo general! Pois quê! Porque um sargento vem dizer-me isto, hei de lhe dar crédito? Eu não sou nenhum soldado de chumbo! Não recebo ordens de meus inferiores! Daqui não saio sem o preto no branco! Nada... não saio!... - Quer uma ordem assinada?... Já lha trago! (*Sai precipitadamente.*)

CENA XII

VALENTIM, GREGÓRIO, LUISINHA.

VALENTIM - Vossa Mercê meteu-me em boas!

GREGÓRIO - Hein?

LUISINRA (*Entrando.*) - Que foi fazer, sargento?

GREGÓRIO - Por quê?

VALENTIM - Nada, uma brincadeira! Pelo que vejo, meu irmão seduziu a irmã deste Aragão Furacão que acaba de sair!

LUISINHA - Este homem quer à viva força bater-se com Valentim, julgando que é o irmão. Ouvi tudo dali... Tremia de medo!

GREGÓRIO - Então ainda se queixa de mim por ter salvo a honra de seu irmão? Alcancei-lhe a entrega da espada e o comando da companhia indicada para marchar primeiro e tomar o reduto ao inimigo!

VALENTIM (*Horrorizado.*) - Um reduto?! Misericórdia!!...

LUISINHA - Isso é que não consinto.

GREGÓRIO - Esteja calada, faça favor.

LUISINHA - Valentim, proíbo-lhe que tenha coragem!

VALENTIM - Por esse lado, fica descansada. - Não me faltava mais nada! Que diabo, ou não sou soldado, sou funileiro! Não faço proezas, faço canecas. Sou muito amigo de meu irmão, mas isto assim já passa de amizade! Já fiz bastante por sua causa!

GREGÓRIO - Agora é pegar-lhe com um trapo quente! Se descobrem que não é o capitão, fuzilam-no!

VALENTIM - Onde me vim meter, meu Deus?!

GREGÓRIO - Faça de conta que embarcou. Não há remédio senão esperar a borrasca! Se tem amor a seu irmão, é marchar para a frente, com mil diabos! Nem todos que entram em campanha morrem! Aqui estou eu que sempre saí são e salvo!

VALENTIM - Vossa Mercê está habituado. As balas já o conhecem e não lhe fazem mal. Mas eu...

LUISINHA (*Chorando.*) - Valentim, se vais bater-te, nunca mais te verei!

VALENTIM - Disso é que eu tenho medo, Luisinha. Eu, metido numa batalha, sem entender nada daquilo... Dão-me cabo do canastro com toda a certeza!

GREGÓRIO - Cobri-lo-ei com meu corpo...

VALENTIM - Sim, mas, se o atravessarem, a mim também me há de tocar alguma coisa... Nada! É impossível... Vou fugir!

LUISINHA - Isso! isso!

GREGÓRIO - Pois bem! Fuja, com trinta milhões de granadas! Mas saiba que é a Vossa Mercê que seu irmão vai dever a sentença de morte!

VALENTIM - Ai, Jesus! que farei? Não haverá algum remédio para ser valente sem correr perigo? (*Ouvem-se descargas de fuzil.*) Ai!

GREGÓRIO - Ouve? Já começam as guerrilhas!

VALENTIM - Nossa Senhora do Livramento me acuda!

GREGÓRIO (*Tomando-lhe o braço.*) - Vamos! Valor! Um homem é um homem! (*Música na orquestra.*) Olhe, aí vem a companhia formada! Que prazer terá seu irmão quando souber que foi ele quem tomou o reduto! (*A orquestra toca com toda a força. Aparece a companhia em ordem de marcha.*)

### **CENA XIII**

OS MESMOS, o AJUDANTE-DE-ORDENS, SOLDADOS.

*Canto*

O AJUDANTE - A companhia espera o Capitão.

GREGÓRIO (*A dois soldados.*)

- Vão buscar o cavalo!

(*Os dois soldados saem.*)

VALENTIM

- Que grande abalo!

Que comoção!

Foram buscar o cavalo...

Ai, que triste situação!

Já não me posso

Nas pernas ter!

Tenho medo, que me coço!  
Vou de medo aqui morrer!

*(Os dois soldados voltam, trazendo pela rédea um magnífico cavalo, perfeitamente ajaezado.)*

CORO

- O cavalo! o cavalo!

GREGÓRIO

- Eis o cavalo ardido  
Do grande Jorge Braga,  
O militar indômito  
Que nunca fraquejou!  
Que o leve à guerra intrépido!  
Que triunfante o traga!  
Cavalo assim tão trêfego  
Nunca ninguém montou!

CORO - Eis o cavalo ardido, etc...

GREGÓRIO *(A um soldado, depois de agarrar em Valentim, que treme.)*

- Queira ajudar-me a pô-lo em cima.

*(À parte.)*

O desgraçado não se anima!

*(Conseguem a muito custo fazer com que Valentim monte a cavalo.)*

VALENTIM *(Montado.)*

- Adeus, ó Luisinha!

Adeus, amores meus!

Adeus, querida minha!

Talvez pra sempre adeus!

VALENTIM e LUISINHA *(Clamando.)*

- Adeus, adeus! adeus!

CORO

- Viva e reviva o Capitão!

De exemplo sirva ao fracalhão!

*(Sai Valentim á frente de toda companhia. Segue-os o ajudante de ordens.)*

**CENA XIV**

LUISINHA, só.

LUISINHA - Valentim, meu marido! Levam-no!... e eu não tenho forças para acompanhá-lo! Infeliz! Que vai ele fazer no meio de uma batalha? Se não morrer de uma bala, morre de susto com toda a certeza! (*Ouvem-se descargas.*) Virgem Santa! (*Tapa os ouvidos.*) Agora é que ele morre! (*Cai de joelhos.*)

*Prece*

Virgem puríssima,  
Virgem das Dores,  
Ai, compadece-te,  
Virgem, de mim!  
Roubam-me os cândidos,  
Castos amores!  
Resgatem lágrimas  
Meu Valentim!

## **CENA XV**

LUISINHA, PANTALEÃO.

PANTALEÃO - Senhor Capitão Jorge Braga, aqui tem a ordem!

LUISINHA (*Erguendo-se.*) - Quem é? Quem procura? Traz notícias dele? Mataram-no?

PANTALEÃO - Mataram-no? A quem?

LUISINHA - Ao Capitão, a meu marido!

PANTALEÃO - Que diz, minha senhora? O Capitão é casado?

LUISINHA - Quase. Devíamos casar ontem. Mas alguns contratempos houve, e só amanhã seremos marido e mulher!

PANTALEÃO - Ah! infame! Já agora compreendo por que ele andava a bordejar... bordejar!... Mas hei de encontrá-lo! Quero beber-lhe o sangue, com mil diabos!...

LUISINHA - Também este! Toda a gente quer matá-lo, coitado!

PANTALEÃO - Ele onde está?

LUISINHA - A estas horas, no outro mundo. Não ouve as descargas? Foi com os soldados tomar um reduto. Matam-no sem compaixão!

PANTALEÃO - Há um Deus para os velhacos! Morrerá com honra, como morrem os heróis!

LUISINHA - Mas por que deseja que morra o meu Valentim?

PANTALEÃO - Valentim!? Quem lhe fala em Valentim? Refiro-me ao Capitão Jorge Braga! Esse monstro desonrou a família Beltrão de Aragão!

LUISINHA - Ah! é o tal capitão de navio! Se o Valentim escapar às balas dos holandeses, virá com certeza morrer às mãos deste Ferrabrás! (*Ouvem-se aclamações.*)

PANTALEÃO - Vozes...

VOZES - Viva o Capitão Jorge Braga! Viva!

PANTALEÃO - O Capitão Jorge Braga! Aclamam-no!

LUISINHA (*Contente.*) - Será possível?

## CENA XVI

OS MESMOS, VALENTIM, GREGÓRIO, *oficiais, soldados, depois* O AJUDANTE-DE-ORDENS.

(*Valentim entra triunfalmente, a cavalo, trazendo algumas bandeiras holandesas. Gregório vem a seu lado.*)

MARCHA e CORO

- Vitória! vitória!

Saiu vencedor!

Cobriu-se de glória,

De brio e valor!

É coisa notória

Que um bravo aqui está!

Direito pra história

Daqui marchará!

GREGÓRIO (*A Valentim.*)

- Animo! Já não há perigo!

LUISINHA - Como te foste, ó meu amigo?

VALENTIM

- O meu cavalo é que deu jeito:  
Não quero fama sem proveito.

AJUDANTE

- Senhores, em paga  
De tanto valor,  
Vai o Senhor Jorge Braga,  
Por ordem superior,  
Ser elevado a major!

CORO

- Viva o major!

VALENTIM (*À parte.*)

- Se eu sou major,  
Deve o cavalo  
Ser coronel...

AJUDANTE

- O general quer abraçá-lo:  
Vamos ao quartel!

CORO

- Vamos ao quartel!

PANTALEÃO (*À parte.*)

- Hei de ir também...

VALENTIM (*A Luisinha.*)

- Comigo vem...

CORO

- Vitória! vitória! etc...

### ATO TERCEIRO

*Sala no palácio do Governador, comunicando ao fundo com a capela do palácio por uma larga porta, na qual pende longo reposteiro. À esquerda, 2º plano, a porta da entrada principal. À direita, na mesma direção, uma porta dizendo para os aposentos do Governador. A esquerda, 1º plano, pequena porta. À direita, uma mesa com instrumentos de matemáticas e de um mapa geográfico.*

## CENA I

Convidados (*cavalheiros e senhoras*), depois VALENTIM, da porta principal, trazendo consigo as bandeiras do segundo ato, acompanhado pelo AJUDANTE DE ORDENS e outros OFICIAIS; depois GREGÓRIO e LUISINHA; depois UM REPOSTEIRO.

### CORO DE CONVIDADOS

Que esplêndido sarau! que lindo baile fúlgido!  
Do dia o grande herói merece muito mais!  
Matias de Albuquerque está satisfeitíssimo,  
E honra destarte a flor de seus oficiais

(*Ouvem-se aclamações.*)

Ei-lo aí vem! Que Deus o traga!  
É o valoroso Jorge Braga!

VALENTIM (*Entrando e declamando.*) - Obrigado, meus senhores, muito obrigado!

### CORO

- Tu que pra glória vais e da vitória vens,  
Mais uma vez recebe os nossos parabéns.

(*Grandes medidas.*)

VALENTIM - Minhas senhoras... meus senhores... confundem-me tantos cumprimentos. Creiam que nada fiz, nada, absolutamente nada. Outro qualquer faria o mesmo.

O AJUDANTE - O Major é a modéstia personificada!

VALENTIM (*À parte.*) - Quantas honras estou usurpando ao meu cavalo! (*Vendo Gregório e Luisinha, que entram e se aproximam timidamente.*) Ah! estão aqui? Meu amigo, endouço, não há que ver! Tenho que ir à presença do Governador; verá que não digo palavra e faço asneira!

LUISINHA - Cautela!

GREGÓRIO - Não esqueça a lição, e fale o menos que puder.

O REPOSTEIRO (*Aparecendo a porta dos aposentos do Governador.*) - O Senhor Governador recebe o Senhor Major Jorge Braga, e os demais senhores oficiais que o acompanharem.

VALENTIM - Agora é que são elas!

GREGÓRIO - Ânimo!

LUISINHA - Coragem!

AJUDANTE - Vamos!

*(Valentim e os militares entram nos aposentos do Governador; os demais convidados espalham-se e saem por diversas direções. Só ficam em cena Gregório e Luisinha.)*

## **CENA II**

GREGÓRIO, LUISINHA.

LUISINHA - Diga-me, Senhor Gregório, nós ficamos aqui?

GREGÓRIO - Esteja tranquila, ninguém nos mandará sair. Hoje é dia de sarau... e o jardim do palácio está aberto ao público.

LUISINHA - Isso é o jardim; mas nós estamos...

GREGÓRIO - Dentro de casa; que tem isso? Ai, que a menina está me saindo mais medrosa que o tringalhadaças do seu noivo! Ontem, no campo, parecia outra, com seiscentas bombas!

LUISINHA - Era para dar-lhe coragem. Hoje, confesso que o que mais me preocupa é o tal Pantaleão de Aragão.

GREGÓRIO - Ora, esqueça-se disso!

LUISINHA - Tenho muito medo que ele mate o meu pobre Valentim...

GREGÓRIO *(Impaciente.)* - E que importa?

LUISINHA - Que importa? É boa!

GREGÓRIO - Não é isso o que me inquieta. Receio que o latoeiro faça alguma em presença do Governador... e Matias de Albuquerque não é para graças. Queira Deus lhe aproveite a lição que lhe dei hoje pela manhã. Vai Vossa Mercê, disse-lhe eu, vai Vossa Mercê, coloca-se diante do Governador, e diz-lhe: - "Aqui tem Vossa Senhoria as bandeiras que eu tomei ao inimigo: onde quer que as ponha?" - Ah! fosse a coisa comigo, com seis mil bacamartes!...

Mas o seu noivo é um maricas, o que aliás não impede que seja um grande herói.

LUISINHA - Um grande herói?

GREGÓRIO - Herói à força, é verdade, mas herói! Não foi o primeiro nem será o último!

*Coplas*

I

De pimpão ganha fama um soldado  
Que, em ouvindo o troar do canhão,  
Cai sem forças no chão desmaiado,  
Se das tripas não faz coração.  
Mas no campo, no ardor da peleja,  
Capacita-se o grande poltrão  
Que, se morre o que mais esbraveja,  
Também morre o que é menos pimpão...  
Isto dói!  
Isto dói!  
Faz-se à força um grandíssimo herói!

II

Sem que um tipo à vitória se arroje,  
Acontece ficar vencedor;  
Muitas vezes, pensando que foge,  
Vai prodígios obrar de valor!  
Deste modo um poltrão, que não sente  
Sem tremer um rufar de tambor,  
Ganha reputação de valente  
E vai postos galgando a vapor!  
Isto dói!  
Isto dói!  
Faz-se à força um grandíssimo herói!

LUISINHA (*Prestando ouvidos*) Sargento não ouve?

GREGÓRIO - Nada!

LUISINHA (*Indo á porta dos aposentos do governador.*) - Não me engano...

GREGÓRIO - Que é?

LUISINHA - Um falatório...

GREGÓRIO - Sim, tem razão, agora ouço. Não há que ver: seu noivo entornou o caldo.

LUISINHA - Estou mais morta que viva! Vá ver o que foi, Sargento.

GREGÓRIO (*Entreabrindo a porta e espreitando.*) - Não se engana a menina, com mil raios! veja lá... no fundo do corredor... ao pé da escada... formam-se grupos de oficiais... parecem todos inquietos. Que aconteceria, com cem mil buchas?!

LUISINHA - Naturalmente deram pelo embuste. Matam-no com toda a certeza!

GREGÓRIO (*Sempre espreitando.*) - É ele... vem descendo a escada...

LUISINHA - Preso?

GREGÓRIO - Não - livre; mas pálido, desfeito... Já me viu... Dirige-se para este lado... Vamos saber tudo!...

LUISINHA - Sargento, parece-me que vou perder os sentidos.

GREGÓRIO - Irra! transfira o seu faniquito para amanhã, com todos os diabos!...

### **CENA III**

OS MESMOS, VALENTIM, que entra amedrontado.

*Tercetino e coplas*

GREGÓRIO (*Tomando-o pelo braço.*)  
- Que aconteceu?

LUISINHA (*Tocando-o pelo outro braço.*)  
- Que sucedeu?

VALENTIM  
- Tudo perdido está!

LUISINHA  
- Meu Deus!

GREGÓRIO  
- Explique-se!

VALENTIM

- Vá lá!

I

Passei pelo corredor;  
Entrei num grande salão;  
E o nosso Governador,  
Ao ver-me estendeu-me a mão;  
Dei-lhe as bandeiras  
Que ao inimigo  
Eu... Jorge, digo...  
Ontem ganhou;  
E ele, contente,  
Cum forte abraço  
Meu espinhaço  
Quase quebrou!

OS TRÊS

- E ele, contente,  
Cum forte abraço  
Meu/Seu espinhaço  
Quase quebrou!

II

Nisto, um velho militar  
Entra também no salão,  
E ao governador vai dar  
Um papel que traz na mão...  
Ergue-se em fúria,  
Todo irascível,  
Esse terrível  
Governador!  
- Levar a breca  
Na flor da idade  
É, na verdade,  
Constristador!

OS TRÊS - Levar a breca, etc...

GREGÓRIO - Mas, afinal de contas, que dizia o tal papel?

VALENTIM - Não sei, mas suponho que era uma denúncia anônima. O Governador abriu-o, leu-o, amarrotou-o encolerizado, e, olhando fixamente para mim, disse-me: - "Ordeno-lhe, senhor, que não saia do palácio sem minha

ordem." - Sim, senhor, respondi eu sem saber o que dizia nem de que freguesia era.

LUISINHA - O Governador sabe de tudo! Meu pobre Valentim!

GREGÓRIO - Meu pobre Capitão! Mas quem seria o patife que nos traiu? Se eu soubesse! ai, que se eu o soubesse, com trinta mil raios que o partam!...

VALENTIM - Vem gente... chegou a minha última hora.

GREGÓRIO - Vamos! calma... dignidade... Pense na farda que traz vestida.

VALENTIM - Isto não é uma farda: é uma camisa de onze varas. (*O Governador Matias de Albuquerque aparece a direita.*)

#### **CENA IV**

OS MESMOS, MATIAS DE ALBUQUERQUE.

O GOVERNADOR - Ah! está ali...

OS TRÊS (*À parte.*) - O Governador!...

GOVERNADOR (*Falando para dentro.*) - Não quero que interrompais a conversação que vou ter com o Major Braga. Durante esse tempo diverti-vos; por enquanto não há motivo para tristezas... Dançai um minuete... (*A Valentim.*) Temos que conversar. (*Vendo Gregório e Luisinha.*) Que gente é esta?

GREGÓRIO (*Com uma continência.*) - Sargento Gregório, meu Governador.

VALENTIM (*Imitando-o.*) - Sargento Gregório, meu Governador.

GOVERNADOR - Conheço-te de nome... es um bom soldado.

GREGÓRIO - É favor.

VALENTIM - É favor.

GOVERNADOR - E esta menina?

VALENTIM - Esta menina é... é uma menina... minha cunhada, mulher de meu irmão... que é latoeiro... não quis nunca separar-se de mim...

GOVERNADOR - Compreendo... no meio de tantos perigos...

VALENTIM (*À parte.*) - Está a zombar de mim.

GOVERNADOR - Sargento, manda transportar para aquele quarto a bagagem do Major; entrarás pela escada secreta que dá para o quintal. AI encontrarás quem te encaminhe.

VALENTIM (*Admirado.*) - A minha bagagem!

GOVERNADOR (*Tomando Valentim à parte.*) - Sim, eu quero tê-lo à mão.

VALENTIM (*À parte.*) - Ai! à mão!...

GOVERNADOR - Deixem-nos!

LUISINHA (*A Valentim, desesperada.*) - Deixar-te... numa ocasião destas...

VALENTIM - Queira desculpá-la, meu Governador...

GOVERNADOR - Esta apreensão é natural. (*Indicando a pequena porta da esquerda.*) A menina pode dispor daquela alcova durante algumas horas.

VALENTIM (*Baixo a Luisinha.*) - Algumas horas, ouves? Parece que a coisa não se demorará muito!

GOVERNADOR (*A Valentim.*) - A separação parecer-lhe-á depois menos penosa.

VALENTIM - A separação, ouves?

GREGÓRIO (*Baixo a Valentim.*) - Tenha coragem, com mil infernos! (*Baixo a Luisinha.*) Venha!

LUISINHA - Que irão fazer-lhe, meu Deus!

VALENTIM - Adeus, Luisinha, adeus! (*Abraça-a e beija-a às escondidas do Governador. Gregório separa-os e leva Luisinha; saem pela pequena porta da esquerda.*)

## **CENA V**

VALENTIM, o GOVERNADOR.

GOVERNADOR - Estamos sós... ouça-me...

VALENTIM (*Esforçando-se por se mostrar tranquilo.*) - Às ordens do meu Governador.

GOVERNADOR - Recebi, em sua presença, uma comunicação que me encheu de cólera!

VALENTIM (*Suplicante.*) - Mas...

GOVERNADOR - Passou, felizmente. Estou agora perfeitamente tranquilo. Mas imagine que nesse papel me participavam que os holandeses atacaram a povoação de Serinhaém!

VALENTIM - Hein? Como? (*À parte.*) E eu temia! Agora respiro! (*Alto.*) Com que então, os Senhores holandeses?

GOVERNADOR (*Com mistério.*) - Ocuparam a povoação, apoderaram-se do tenente-coronel Rodovalho, que comandava a guarnição ali destacada e fuzilaram-no!

VALENTIM - Fuzilaram o Tenente-coronel Rodovalho? aquele excelente Rodovalho?... (*À parte.*) Nunca o vi mais gordo...

GOVERNADOR (*Com ímpeto.*) - Guerra! guerra sem tréguas nem piedade!

VALENTIM (*Procurando animar-se.*) - Sem piedade!

GOVERNADOR - Guerra terrível! O sangue pede sangue!

VALENTIM - Pois demos-lho! (*Pragueja como no segundo ato.*)

GOVERNADOR (*Andando de um lado para o outro.*) - Ah! corja de infiéis! assassinais cobardemente um homem que não vos poderia oferecer resistência? Pois bem! não vos enviaremos um parlamentar que vos obrigue a abaixar humildemente a cabeça: enviar-vos-emos um terrível guerreiro, um herói que não conhece perigos nem hesitações! (*Parando em frente de Valentim e pondo-lhe a mão no ombro.*) Esse herói, ei-lo!

VALENTIM (*Caindo numa cadeira.*) - Ai!

GOVERNADOR (*Sem dar atenção a Valentim e indo examinar o mapa geográfico que está sobre a mesa.*) - Nada de piedade, Major, nada de comiseração! A coragem, quase sobre-humana, que ontem mostrou, assegura-nos o sucesso de nossas armas. Não consulte o seu coração; consulte unicamente a sua espada! (*Valentim, sem poder falar, tem respondido por gestos a tudo isto.*)

VALENTIM (*À parte.*) - Eu estouro! Precisava sangrar-me!

GOVERNADOR - Partirá daqui a três horas.

VALENTIM (*Balbuciando.*) - Daqui a três horas? (*Ergue-se.*) Mas, meu Senhor, eu não estou preparado...

GOVERNADOR - Compreendo... Quer combinar comigo o plano de campanha. É muito acertado! Reconheço nisso um bom militar. Aqui temos o mapa de Pernambuco. (*Vai sentar-se á mesa.*) Sente-se diante de mim.

VALENTIM (*À parte, aproximando uma cadeira...*) - Antes uma dúzia de redutos! (*Senta-se.*)

GOVERNADOR - Marquemos os pontos estratégicos... pare... os holandeses estão aqui... cá está o ponto atacado. As nossas tropas estão divididas em dois troços, um aqui, em Jaboatão... outro no Recife. Que fará o Major?

VALENTIM (*Depois de ter por muito tempo examinado a carta.*) - Eu?

GOVERNADOR - Sim, vejamos...

VALENTIM - E Vossa senhoria?

GOVERNADOR (*Com modéstia.*) - Eu ia por aqui... pelo Cabo... pois, como sabe, aqui, por Nossa Senhora do Ó, não há estrada que preste.

VALENTIM - É justamente a minha opinião.

GOVERNADOR - Mas se o inimigo se dividisse, e atacasse a vanguarda pelo Rio Formoso, e a retaguarda pela Gameleira, como Vossa Mercê salvaria o centro?

VALENTIM - O centro? o centro? Vossa Senhoria compreende muito bem que o centro é o que se deve salvar em primeiro lugar, porque o centro... sim, que diabo! o centro... é tão importante!... O Governador naturalmente tem lá sua idéia...

GOVERNADOR - Eu atravessaria o Rio Serinhaém e ocultava-me no mato.

VALENTIM - Pois eu, salvo melhor aviso... eu atravessaria o rio e ocultava-me no mato aqui. (*Aponta no mapa.*)

GOVERNADOR - Mas é justamente o que eu acabo de dizer.

VALENTIM - Nesse caso, somos da mesma opinião... Eu julguei que Vossa Senhoria preferisse...

GOVERNADOR - Quê? Vir por mar e entrar na Barra das Jangadas? Nunca!

VALENTIM - Nunca! nunca! É preciso atravessar o mato e ocultar-se no rio... não! quero dizer... atravessar o rio e ocultar-se no mato.

GOVERNADOR (*Erguendo-se.*) - Muito bem, Major, estamos perfeitamente entendidos... É preciso que em cinco ou seis dias se decida esta campanha; os holandeses desejam internar-se, e convém frustrar-lhes os planos. O Major vai arriscar os seus dias; mas os homens de sua têmpera não fazem caso da vida.

VALENTIM (*Encolhendo os ombros com ar de pouco caso.*) - Oh! (*Arrepellido.*) Entretanto, confesso que esta comissão causa-me sérios transtornos... Depois da guerra, a gente pensa em descansar... Eu estou com um casamento meio tratado...

GOVERNADOR - Que está dizendo? Não tem o direito de recusar!...

VALENTIM - Bom... se não tenho direito...

GOVERNADOR - E eu terei muito prazer em recomendá-lo à proteção de el-rei Dom Filipe III. (*Sai pela direita.*)

## CENA VI

VALENTIM, depois PANTALEÃO.

VALENTIM - Bonito! lá vou eu para Serinhaém, um lugar onde fuzilam os tenente-coronéis! Que me farão eles a mim, que sou um simples major? Que farei? Dizer que não quero? Fugir? Então pagará tudo meu irmão! Estou bem arranjado!

### *Coplas*

I  
Sou, por mal dos meus pecados  
Neste mundo perpetrados,  
O mais bravo dos soldados  
E o beijinho dos heróis!  
Eu não gosto de ver fardas,  
Tenho horror às espingardas!  
'Stou metido em calças pardas!  
'Stou metido em maus lençóis!  
Que destino traiçoeiro!  
Na batalha vai morrer  
O funileiro

Menos guerreiro  
Que pode haver!

II

Se uma bala vem perdida  
Que em dous homens me divida,  
Perco logo a bela vida -,  
Não a perde meu irmão!  
Mas, se escapo (o que duvido)  
Sem sequer ficar ferido,  
Meu irmão é promovido  
E eu não tenho promoção!  
Que destino traiçoeiro, etc.

PANTALEÃO (*Entrando.*) - Andava a dar-lhe caça, senhor!

VALENTIM (*À parte.*) - Ai, ai! agora este! Era só o que me faltava!

PANTALEÃO - Segui-o desde Jaboatão só para o provocar de novo. Agora venho com tenção diversa. Cedi às súplicas e ao pranto de minha irmã... jurei que ferrava o pano... bem vê: estou em calma podre... nem sequer praguejo, com um milhão de jacarés! Aqui tem as suas cartas e o seu retrato; faça o favor de restituir-me também as cartas de minha irmã.

VALENTIM (*Balbuciando.*) - As cartas... sim... quer as cartas, não é isso?

PANTALEÃO - É preciso que não fique uma só em seu poder; entende?

VALENTIM - Entendo. Mas é que eu não as tenho comigo.

PANTALEÃO - Com seiscentos milhões de diabos! não espero nem mais um minuto! As cartas!

VALENTIM - Preciso ir buscá-las... e não me dão tempo para isso. Parto para Serinhaém agora mesmo... Não sabem que fuzilaram o Rodovalho? Não pude obter que transferissem a viagem... nem mesmo alegando eu negócios de família... o meu casamento...

PANTALEÃO - O seu casamento?

VALENTIM (*À parte.*) - Escapuliu-me!

PANTALEÃO - Pois casa-se, e não é com Dona Guiomar Beltrão de Aragão?

VALENTIM - Não há meio de conversar com este homem! E quem lhe disse que não é com Dona Guiomar Beltrão de Aragão que me caso?

PANTALEÃO - Que ouço! Será possível?!

VALENTIM - Já se vê que é possível.

PANTALEÃO - Bem! vejo que é honrado... como um marinheiro! Recusou uma reparação à minha violência... e agora vem conceder-me de *motu proprio*! Bravo!

VALENTIM (*À parte.*) - De *motu proprio*, ladrão!

PANTALEÃO - Mas dizia então que lhe não foi possível obter transferência da viagem?

VALENTIM - Debalde fiz eu que isto de ir a Serinhaém tanto podia ser hoje como amanhã; não me atenderam!

PANTALEÃO - Pois hão de atender-me a mim!

VALENTIM (*À parte.*) - Alcançará ele?

PANTALEÃO - Tive ocasião de prestar um dia um grande serviço a Matias de Albuquerque, e ele prometeu satisfazer o primeiro pedido que eu lhe dirigisse.

VALENTIM - Pois peça-lho, peça-lho, meu bom cunhado!

PANTALEÃO (*Tomando a mão de Valentim.*) - Oh! essas palavras tornam-me feliz, com mil diabos! Que alegria vai ter minha irmã, que está aqui, no palácio, à minha espera, lá embaixo! Jorge, dou-lhe a minha palavra de honra que não partirá solteiro! (*Sai apressado pela direita.*)

## CENA VII

VALENTIM, depois LUISINHA.

VALENTIM - Uma transferência! Estou salvo!

LUISINHA (*Aparecendo com precaução.*) - Ainda estás vivo?

VALENTIM - Creio que sim. O Governador não sabe de nada.

LUISINHA - Respiro.

VALENTIM - Mas, sabes? queriam mandar-me atacar, holandeses em Serinhaém!

LUISINHA - Meu Deus!

VALENTIM - Mas já não vou; fico.

LUISINHA - Deveras?

VALENTIM - O pior é que o Aragão Furacão voltou.

LUISINHA (*Assustada.*) - Voltou?!

VALENTIM - Enviado pelo céu. Ele é que faz com que eu não vá para a guerra.

LUISINHA - Como assim?

VALENTIM - Porque deseja a todo o transe casar-me com a irmã, e eu...

LUISINHA - E tu?

VALENTIM - Prometi casar-me.

LUISINHA (*Estupefata*) - Prometeu casar-se! E então eu?!

VALENTIM - Não te aflijas... o principal era ganhar tempo. Que diabo! um casamento nunca se faz assim do pé pra mão... Eu levo a remanchar, a remanchar... o Jorge volta, toma o seu lugar, nós regressamos às nossas canecas e aos nossos funis, casamo-nos e...

LUISINHA - Já lhe perdi as esperanças! Valentim; serás obrigado a casar com essa mulher! (*Chora.*)

VALENTIM - Oh! não chores!

*Dueto*

VALENTIM

- Não te aflijas, que ainda espero

Nos ver felizes!

Nos teus olhos ver não quero

Dois chafarizes!

Um casório não é cousa

Que assim se faça!

LUISINHA

- Não mais serei tua esposa!  
Oh! que desgraça. (*Chora.*)

VALENTIM

- Não chores, meu amor!

LUISINHA

- Eu choro, sim, senhor!  
Por que não descobre tudo?  
Por que assim me sacrifica?

VALENTIM

- Pois não sabes, minha rica,  
Que...

LUISINHA

- Que o quê, seu cabeçudo?  
Que...

VALENTIM

- Pum! pum! pum!  
Podem mandar-me fuzilar?!

LUISINHA

- Pum!  
Pum! pum!  
Pois deixá-lo estar! (*Chora.*)

VALENTIM

- Não chores!

LUISINHA

- Eu choro  
'Té mais não poder!  
Perdi meu tesouro!  
Não me posso conter!  
Ai! ai! ai!  
Meu Valentim casar-se vai!

(*Juntos.*)

LUISINHA

Eu choro, sim, choro,  
"Té mais não poder

VALENTIM

Suspende esse choro!  
Reviva o prazer!

Perdi meu tesouro!                      'Stá aqui teu tesouro!  
Não me posso conter!                  Não te podes conter!  
Ai! ai! ai!                                  Ai! ai! ai!  
Meu Valentim casar-se vai!        Teu Valentim casar não vai!

### **CENA VIII**

OS MESMOS, o GOVERNADOR, acompanhado por dois oficiais, a quem dá ordens em voz baixa.

GOVERNADOR - Major, o seu desejo vai ser satisfeito. Aprovo o seu casamento com Dona Guiomar de Aragão.

VALENTIM (*Baixo a Luisinha, com alegria.*) - Vês? Não vou a Serinhaém!

GOVERNADOR - Mas, como não desejo que este casamento retarde a expedição de que há pouco falamos, receberão a bênção nupcial agora mesmo, ali, na capela do palácio. Já mandei prevenir a noiva e o meu capelão.

VALENTIM - Agora mesmo!

GOVERNADOR - Assistirei à cerimônia. Só amanhã partirá para Serinhaém.

VALENTIM - Amanhã...

GOVERNADOR (*Dando um rolo de papel a Valentim.*) - E aqui tem o meu presente de noivado. A sua promoção a tenente-coronel; faltava-lhe esse posto para substituir o infeliz Rodovalho.

VALENTIM (*À parte.*) - E morrer fuzilado!

GOVERNADOR (*Aos oficiais.*) - Acompanhem-me, senhores. (*Sai pela direita, acompanhado pelos oficiais.*)

### **CENA IX**

VALENTIM, LUISINHA, depois GREGÓRIO.

VALENTIM - Casado!

LUISINHA - Casado! Ah! (*Cai desmaiada numa cadeira.*)

VALENTIM - Luisinha! Luisinha! Perdeu os sentidos! Volta a ti... Olha, vou descobrir tudo! Ora adeus! sim, vou descobrir tudo, aconteça O que acontecer!

GREGÓRIO (*Entrando agitado pela portinha da esquerda a Valentim.*) - Vamos! Depressa! Entrem! Trago uma grande notícia!

VALENTIM (*A ver se Luisinha volta a si.*) - Sargento, estamos perdidos!

GREGÓRIO - Estamos salvos!

VALENTIM - Hein?

GREGÓRIO - É preciso que o não vejam aqui. Entre, com mil raios!

VALENTIM - E Luisinha?

GREGÓRIO - Eu cuidarei dela. Mas entre! (*Empurra-o para dentro e volta a Luisinha.*) Pobre pequena! que alegria há de ter quando souber!

## CENA X

LUISINHA, desmaiada, GREGÓRIO, PANTALEÃO, depois JORGE, depois o GOVERNADOR, a NOIVA, o CAPELÃO, oficiais, convidados.

PANTALEÃO (*Entrando encolerizado.*) - Isto é demais! isto é demais! Vem ou não vem este maldito Major Braga?

JORGE (*Aparecendo pela portinha da esquerda com dignidade.*) - Aqui estou, meu querido cunhado, e pronto a acompanhá-lo.

PANTALEÃO - Venha depressa. O Governador espera-nos. (*Correm os reposteiros do fundo e vê-se a capela, brilhantemente iluminada. O Governador, os oficiais, os soldados e as damas formam grupos; Jorge cumprimenta o governador, e vai buscar pela mão a irmã de Pantaleão, que está vestida de noiva. Durante o coro, o capelão celebra o casamento no altar, ao fundo. Luisinha volta a si aos poucos, ajudada por Gregório. Olha em roda de si estupefata; depois vê Jorge e tudo quanto se passa ao fundo.*)

## CORO

Sejam virtuosos  
Estes dois esposos;  
Gozos e mais gozos  
Lhes depare amor!  
No seu lar contente  
Vingue eternamente  
Vivida e virente  
Da alegria a flor!

LUISINHA (*Desesperada enquanto continua a cerimônia.*) - Meu Deus! que vejo!  
Valentim! (*Quer precipitar-se para o fundo; Gregório impede-a.*)

VALENTIM (*Aparecendo pela portinha da esquerda, vestido como no primeiro ato.*) - Enfim!

LUISINHA - Ah! (*Lança-se nos braços dele.*)

VALENTIM (*Olhando para o fundo, onde se vê Jorge, de costas, a casar-se.*) - O meu querido irmão lá está!

LUISINHA - Onde ele estava? Digam lá!

GREGÓRIO

- É longa história, que depois  
Hão de saber os dois!

OS TRÊS

- Oh! que ventura! Até pela manhã  
Desejara cantar o rataplã...  
Rataplã!  
Rataplã!

CORO (*A meia voz, na capela.*)

- Sejam venturosos, etc.

(*Jorge, a noiva, o capelão, o Governador e Pantaleão retiram-se pelo fundo. Os demais personagens descem ao proscênio, entoando o rataplã.*)

[CAI O PANO]

## BIOGRAFIA

Artur Azevedo (A. Nabantino Gonçalves de A.), jornalista e teatrólogo, nasceu em São Luís, MA, em 7 de julho de 1855, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22 de outubro de 1908. Figurou, ao lado do irmão Aluísio de Azevedo, no grupo fundador da Academia Brasileira de Letras, onde criou a Cadeira nº 29, que tem como patrono Martins Pena.

Foram seus pais David Gonçalves de Azevedo, vice-cônsul de Portugal em São Luís, e Emília Amália Pinto de Magalhães, corajosa mulher que, separada de um comerciante com quem casara a contragosto, já vivia maritalmente com o funcionário consular português à época do nascimento dos filhos: três meninos e duas meninas. Casaram-se posteriormente, após a morte na Corte, de febre amarela, do primeiro marido. Aos oito anos Artur já demonstrava pendor para o teatro, brincando com adaptações de textos de autores como Joaquim Manuel de Macedo, e pouco depois passou a escrever as peças que representava. Muito cedo começou a trabalhar no comércio. Depois foi empregado na administração provincial, de onde foi demitido por ter publicado sátiras contra autoridades do governo. Ao mesmo tempo lançava as primeiras comédias nos teatros de São Luís. Aos quinze anos escreveu a peça *Amor por anexins*, que teve grande êxito, com mais de mil representações no século passado. Ao incompatibilizar-se com a administração provincial, concorreu a um concurso aberto, em São Luís, para o preenchimento de vagas de amanuense da Fazenda. Obtida a classificação, transferiu-se para o Rio de Janeiro, no ano de 1873 e obteve emprego no Ministério da Agricultura.

A princípio, dedicou-se também ao magistério, ensinando Português no Colégio Pinheiro. Mas foi no jornalismo que ele pôde desenvolver atividades que o projetaram como um dos maiores contistas e teatrólogos brasileiros. Fundou publicações literárias, como *A Gazetinha*, *Vida Moderna* e *O Álbum*. Colaborou em *A Estação*, ao lado de Machado de Assis, e no jornal *Novidades*, onde seus companheiros eram Alcindo Guanabara, Moreira Sampaio, Olavo Bilac e Coelho Neto. Foi um dos grandes defensores da abolição da escravatura, em seus ardorosos artigos de jornal, em cenas de revistas dramáticas e em peças dramáticas, como *O Liberato* e *A família Salazar*, esta escrita em colaboração com Urbano Duarte, proibida pela censura imperial e publicada mais tarde em volume, com o título de *O escravocrata*. Escreveu mais de quatro mil artigos sobre eventos artísticos, principalmente sobre teatro, nas seções que manteve, sucessivamente, em *O País* ("A Palestra"), no *Diário de Notícias* ("De Palanque"), em *A Notícia* (o folhetim "O Teatro"). Multiplicava-se em pseudônimos: Elói o herói, Gavroche, Petrônio, Cosimo, Juvenal, Dorante, Frivolino, Batista o trocista, e outros. A partir de 1879 dirigiu, com Lopes Cardoso, a *Revista do*

*Teatro*. Por cerca de três décadas sustentou a campanha vitoriosa para a construção do Teatro Municipal, a cuja inauguração não pôde assistir.

Embora escrevendo contos desde 1871, só em 1889 animou-se a reunir alguns deles no volume *Contos possíveis*, dedicado a Machado de Assis, seu companheiro na secretaria da Viação e um de seus mais severos críticos. Em 1894, publicou o segundo livro de histórias curtas, *Contos fora de moda*, e mais dois volumes, *Contos cariocas* e *Vida alheia*, constituídos de histórias deixadas por Artur de Azevedo nos vários jornais em que colaborara.

No conto e no teatro, Artur Azevedo foi um descobridor do cotidiano da vida carioca e observador dos hábitos da capital. Os namoros, as infidelidades conjugais, as relações de família ou de amizade, as cerimônias festivas ou fúnebres, tudo o que se passava nas ruas ou nas casas forneceu assunto para as histórias. No teatro foi o continuador de Martins Pena e de França Júnior. Nelas teremos sempre um documentário sobre a evolução da então capital brasileira. Teve em vida cerca de uma centena de peças de vários gêneros e mais trinta traduções e adaptações livres de peças francesas encenadas em palcos nacionais e portugueses. Ainda hoje continua vivo como a mais permanente e expressiva vocação teatral brasileira de todos os tempos, através de peças como *A jóia*, *A capital federal*, *A almanarra*, *O mambembe*, e outras.

Outra atividade a que se dedicou foi a poesia. Foi um dos representantes do Parnasianismo, e isso meramente por uma questão de cronologia, porque pertenceu à geração de Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac, todos sofrendo a influência de poetas franceses como Leconte de Lisle, Banville, Coppée, Heredia. Mas Artur Azevedo, pelo temperamento alegre e expansivo, não tinha nada que o filiasse àquela escola. É um poeta lírico, sentimental, e seus sonetos estão perfeitamente dentro da tradição amorosa dos sonetos brasileiros.

*Academia Brasileira de Letras*  
*Fevereiro, 2014*